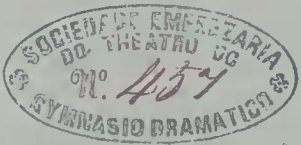


L. 1.º 1774. d. = 457 - 2.º 37. Ligeira

Pode representar-se, sem suspensa de
dos theatros em 1.º de Março - 1859.
M. Henriquez.



(36)

Vol 38

Os dois raptos.

Comedia em 3 actos.

Imitada livremente da comedia em 3 actos

= La fille du tapissier =

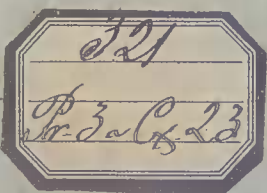
de Cormon, L. Saint-Amand e H. Lefebvre.

Escola Superior de Teatro e Cinema

por

Joaquim Maria de Andrade Ferreira.

Para ser representada em qualquer dos theatros
de 2.ª Ordem.



Março de 1859.

Personagens.

- + João Baptista - Ajudante de procurador.
+ Thomas Quintino - Procurador.
- O morgado de Sarraceni.
+ D. Nizar Proença.
⊖ O cavalheiro.
* Victor da Cunha.
+ Agostinho de Sá.
- Alm. campino.
⊖ Francisco e Maria - am. de João Baptista.
* Ignacio dos Reis - Idem.
- Maria ~~Antónia~~ - Criada.
- D. Carlota de Mendonça - Condessa de Villar da Serra.
+ Carolina - filha de Thomas Quintino.
- M.^a Ignacia - Fazendeira e com venda de vinho.
- Criadas da condessa.

Amigos de João Baptista - Vizinhos de Thomas Quintino -
Amigos do Morgado - O escrivão do regedor - Dois
Soldados da cavallaria municipal.

O 1.^o acto passa-se na estrada do Arco do Ligo - O 2.^o
em casa de Thomas Quintino, na mesma estrada -
O 3.^o em casa da condessa
em Lisboa

Acto 1º

Lezíria

O theatro representa uma parte da estrada que vai do Arco do Cego p.^a o Campo pequeno - No fundo, a D., a casa e quinta de Thomaz Quintino - No meio, a porta da quinta - Na E., a venda de vinho de M.^a Ignacia.

Scena 1.^a

A condessa, Carolina e um criado de libré.

Cond.^a (Saindo de casa de Thomaz Quintino, seguida do criado.) Minha querida Carolina, não se esqueça de recomendar a seu pai que é preciso concluir o averbamento das minhas apólices e inscripções, e que desejo m.^{te} fallar-lhe p.^a saber como vão os meus negocios.

Carol.^a (Que saiu, acompanhando a condessa.) Assim que elle chegar é a primeira coisa que lhe digo, senhora condessa.

Cond.^a Senhora condessa! Sempre senhora condessa! Nem ao menos, quando por acaso estamos sos, me tractas como amiga, por tu, como farias quando estavamos no collegio! Já se não lembras de que eras a m.^a unica amiga, e de que sempre te tractei como irmã?

Carol. Oh! se me lembro! É tanto que ainda hoje a estimo como então. As tempos, porém, mudaram. Já não somos as duas inseparaveis companheiras do collegio. Hoje V.^{za} é uma condessa m.^{torica}, e eu apenas sou a filha de um agente de negocios, a filha do seu procurador.

Cond.^a Não é isso motivo p.^a me rejeitares para sempre. Na roda das minhas ~~virtudes~~ não conto uma peroladeira amiga, uma confidente com quem me de, como o farias contigo. É tão agradável termos uma pessoa a quem communiquemos os nossos mais occultos pensamentos...

Carol.^a Oh! se é!

Cond.^a Em quem depositemos toda a nossa confiança, e que seja quem nos aconselhe, dirija e encaminhe. Como eu seria feliz, m.^a Carolina, se tu vivesses commigo...

Carol.^a Disseram-me que tencionava tornar a casar-se?

Cond.^a Não era nenhum desacerto. Sou rica, e ainda sou moça.

Carol.^a É bonita... não?

Cond.^a Assim dizem.

Carol.^a Então que motivo a impede? É porque ainda não achou quem fosse

digno de V. Ex.^a &

Cond.^a

Se-lo contrario.

Carol.^a

Nesse caso...

Cond.^a

Ah!

Carol.^a

Taber e não amem como deseja...

Cond.^a

Amam, amam... adoram-me.

Carol.^a

Não comprehendo então o motivo da sua tristeza.

Cond.^a

Aquelle a quem amo, Carolina, não pode ser meu.

Carol.^a

Porque!! É casado?

Cond.^a

Não... é solteiro.

Carol.^a

Não intendo... é um enigma.

Cond.^a

Eu te digo: fiz um juramento; juramento em que me obriguei a nunca pertencer senão a certo homem.

Carol.^a

E quem é esse certo homem?

Cond.^a

Não sei, não o conheço; apenas o vi uma vez. Foi uma noite de anno passado, na m.^a quinta. Mas, faz-se tarde, e eu penso hoje, um conselheiro da baroneza p.^a ir a S. Carlos. Não te esqueças do meu pedido de ires p.^{me}

Carol.^a

Não me esqueço. E agora, m.^{te} mais, que fico morta por saber o resto da sua confidencia. Fique descansada de que hei de ir mais cedo do que pensa.

Cond.^a

Olha, dir a teu pai que te leve p.^a jantar um dia commigo. Como elle vai todas as dias a Lisboa não lhe custa isso. Saberás, então, tudo; mas como uma condição, hade ser confidencia por confidencia.

Carol.^a

Pois sim.

Cond.^a

Qu^{te} também amas a quem, não é verdade? (Carol.^a faz signal affirmativo) E correspondem-te? (Om.^{mo} signal.) Teu pai sabe-o?

Carol.^a

Sim, não.

Cond.^a

É capaz de se oppôr ao teu casamento.

Carol.^a

Recio bem que sim.

Cond.^a

Não te dê isso cuidado. Eu farei com que elle consinta. Olha, vai amanhã passar o dia commigo. Adeus, m.^a querida Carolina. (Na occasião em que a condessa vai p.^a partir avista o morgado de Serraxede e outro homem, que atravessam a estrada com seus doidos, e que entram na puerda de alinho)

Cond.^a

Ah! (Mette-se apressadament^{te} p.^a dentro do portão da quinta)

Carol.^a

Que tem, senhora condessa?

Cond.^a

Era elle, não ha duvida.

Figueroa

Carol.^a M.^a já percebe. Qual d'elles é'?

Cond.^a O mais alto. Admira-me vê-lo p.^a aqui!

Carol.^a O mais alto comeco eu. É o morgado de Serraredi. Aos sabbados passam por esta estrada bastantes Cavalheiros que vão buscar os toiros, e não é p.^a admirar que elle tambem goste desse divertimento.

Cond.^a Pode ser. Agora é que não me demoro nem mais um instante. Se elle me vê, nem fago fallar-me, e isso é o que eu desejo evitar.

Carol.^a Quer que a acompanhe?

Cond.^a Não é preciso. Deixei o meu coche perto daqui. e Me lá basta-me este criado. (Deixa cair o seu do chapéu.) Adeus, adeus. (Sae pela D. seguida do laçao.)

Scena 2.^a
Carolina e M.^a Ignacia.

(Carolina fica em pé junto do portão da quinta sendo retirado-se a cond.^a - Maria Ignacia sae de sua casa e vem lá scena. - De quando em q.^{do} passam diversas pessoas pela estrada. - Algumas entram na venda de vinho - já é noite.)

M.^a Ig.^a (Vendo os que passam.) Hoje não falta gente por aqui. Em sendo sabbado de toiros, esta estrada é um divertimento até que horas. É fortissima! Pois se algum dos taes Sichinhos se estramalha! então a funccão é completa. O menina Carolina, faz tenção de vir passar os toiros?

Carol.^a (Com modo secco.) Não sei.

M.^a Ig.^a Admira-me que não saiba!

Carol.^a Porque?

M.^a Ig.^a Ora porque... Porque em sendo noite de toirada não se tira da janella

Carol.^a E a sen.^a M.^a Ignacia, que nada lhe escapa do que se passa na janella dos pipinhos!

M.^a Ig.^a Poderá... p.^a que tenho eu olhos? E tambem lhe digo que não é só a passagem dos toiros que a faz estar pregada na janella... O caro é outro...

Carol.^a (Com altivez.) Então que é?

M.^a Ign.^a Nada. As coisas são p.^a quem são. Quem é bonita como a menina...

Carol.^a É porque não é feia. Se a imueja fosse tinha m.^{ta} gente era timhora.

(Ap.te) Spanha lá está.

M.^a Ig.^a (Ap.te) Atrevida! (Alto.) Parece-me que se offendeu p.^a lhe dizer isso... Não tem racão, m.^{ta} mais quando uma pessoa é sensivel...

Carol.^a Deixemo-nos de contos, senhora M.^a Ignacia.

M.^a Ig.^a Bem sabe o que diz o ditado: "Quem não quer ver lobo não lhe veste a pelle." E ademais, quem ha aqui que o não saiba?

Carol.^a Saiba; o que?

M.^a Ig.^a Ora o que! Tu o sen.^{or} Jo.^o Baptista, o ajudante ou fiel, ou quer que é de seu pai, a namora, e gosta da menina que se pella, em quanto que ^{se} ~~a~~ ^{am} ~~mon~~ ^{ta}.

Carol.^a Em quanto que eu... ande, diga lá.

M.^a Ig.^a A menina faz gala na miseria, venho a dizer, que gosta de inspirar paixões, e depois mas que percebe que algum lhe arrasta a ara, faz-se logo de manto de seda.

Carol.^a Engana-se. Tanto me importa a mim o Jo.^o Bapt.^o como qualquer outro. Todos me são indifferentes. Já o mesmo não aconteceu a certa pessoa que eu conheço, que se visse o ajudante de meu pai vender-lhe alguma fineria, ficava logo detetida.

M.^a Ig.^a Se é a meu respeito que falla, diz um disparate.

Carol.^a Faço exactamente como V.^o M.^o, repito o que por ahí se diz.

M.^a Ig.^a Deixe dizer. Ninguém pode callar a bocca do mundo.

Carol.^a Isso é verdade, mas ha linguas que precisavam ser picadas.

M.^a Ig.^a Está bom, não fallemos mais em certas coizas.

Carol.^a Se V.^o M.^o não começasse a fallar nellas, eu por mim nada lhe diria.

(Dirige-se p.^a cara.)

M.^a Ig.^a Se o disse foi p.^a seu interesse. (Jo.^o Bapt.^o apparece e escuta.)

D.^{to} a mim o tal ajudante de seu pai não é bo por. Tem m.^{to} má fama. Todos dizem que é um extravagante, um perdido, nenhuma mulher deve fazer caso delle. Desgracada daquella que lhe der ouvidas, fica arranjada com um tal valdevinos.

Scena 3.^a

As mesmas e Jo.^o Baptista.

3.
Jo.^o Bapt.^o M.^{to} bem; continue que estou gostando de a ouvir.

M.^a Ig.^a Ah é o senhor Jo.^o Baptista. (Ap.^{to}) Naturalmente ouvio o que eu dizia delle.

Jo.^o Bapt.^o Quando eu era criança havia em casa de meu pai uma pega que tudo abocanhava, e aspirar disso a sua vista era uma sancta. Tu podia agora dizer-lhe algumas coizas desagradaveis, mas não quero... é melhor callar-me. Como passou, sen.^a M.^a Ignacia, passou bem? E a sen.^a D. Carolina

está boa? (Carol.^a não responde.) M^{te} obrigado, não quero responder-lhe. Como está, senhora D. Carolina? (Em m^o silencio.) Não me falla! Estará doente? (Aproximando-se della.) Em que pensa?

3 Carol.^a - Tensio que o sr. 2^o Bap.^a em lugar de estar aqui parado faria melhor se fosse passeiar.

2^o Bap.^a - Agradeco m^{te} o seu conselho, mas antes quero estar aqui do que andar passeiando.

Carol.^a - São gostos. Taca o que quiser.

2^o Bap.^a - Não esperava encontrar-a assim na vespera dos meus annos.

Carol.^a - Que tenho eu com os seus annos?

2^o Bap.^a - Tu tem? Parecia-me que teria alguma coisa.

Carol.^a - Enganou-se. Tudo que lhe diz respeito me é indifferente.

M.^a J.^a (Ap^{te}) Os meus ditos produziram effeito.

2^o Bap.^a (Ab^{ndo} p.^a Carol.^a que lhe tem voltado do costas) Como está, hoje amavel?

Carol.^a (Virando-se p.^a elle) Ainda ahí está!

2^o Bap.^a (O mesmo) Ainda, sem senhora.

Scena 4^a

Os m^{mes} e Thomaz Quinteiro.

Thomaz (Batendo no hombro de 2^o Bap.^a) Que fazes aqui parado?

2^o Bap.^a - Cheguei agora mesmo; estava cumprimentando sua filha e mais a sen.^a M.^a J.^a

Thomaz - Está bom; deixa-te de cumprimentos e anda comtigo lá p.^a cima, que temos que fazer.

2^o Bap.^a - Sen.^{or} Thomaz, eu precisava fallar-lhe em particular, e era melhor aqui que n.^o outra parte, mas... a presença de sua filha.

Thomaz - Que te importa a presença de m.^a filha?

2^o Bap.^a - Importa-me m^{te}. Em quanto ella aqui estiver não me atrevo.

Thomaz - Que negocio é esse de tanto segredo?

2^o Bap.^a - É um negocio que me diz respeito a mim principalm^{te}, e depois ao sen.^{or}

Thomaz - Alguma das tuas parvoices. 2^a M.^a filha, faz-me o favor de entrar p.^a cara; deixa-me ver o que quer este pateta.

2^o Bap.^a (Com intencão e ap^{te}) Quando souber o que é, veremos se me chama pateta.

Scena 5^a

Os m^{mes}, menos Carolina.

Thomas (Voltando de acompanhar a filha.) Vamos lá... que me queres? Des-
pacha-te depressa.

1.º Bap.^a O que é em duas palavras se diz. (Falou, saída de M.^a J.^a) A
sen.^a M.^a Ign.^a escusa de se retirar... até me conviem que fique. Uera
se os seus conselhos me a aproveitarem. Bastantes vezes me tem dito que
preciso de uma companheira... que devo procurar uma dona de casa, que seja
boa e extremosa p.^a mim; e reflectindo eu no caso, estou decidido a casar-me

Thomas. Pois tu queres ~~casar~~ casar-te!

1.º Bap.^a Porque não?! Desde que o nosso difuncto pai Adão inventou o cara-
mento, a coisa tornou-se tanto da moda, que eu quero fazer como
os mais.

Thomas. Bem. É livre, podes fazer-o.

1.º Bap.^a Então consente?

Thomas. Que tenho eu com isso para não consentir?

1.º Bap.^a Tem mais do que pensa.

Thomas. A pessoa que escolheste é por acaso m.^a conhecida?

1.º Bap.^a Pode ser que seja.

Thomas. Quem é então a desgraçada?

1.º Bap.^a A desgraçada é uma encantadora menina, que adoro, que me corresponde,
e que não sei p.^a que motivo aconteceu ser o senhor o auctor das seus dias.

Thomas. O que! É Carolina!

1.º Bap.^a Ella mesma.

M.^a J.^a (Ap.te) Tu já esperava isto.

1.º Bap.^a Já não que não tenho mau gosto.

Thomas. (Contento-se.) 1.º Bap.^a tu p.^a tu tenho sido sempre indulgente em
demazia, até m.^{mo} te tenho tractado mais como am.^o que como teu superior.
Agora mesmo te estou dando uma prova da m.^a bondade pela paciencia
com que te servi, e mais ainda com que perdão a tua loucura.

M.^a J.^a (Ap.te) O que! Será tão tolo que lhe dê a filha!

Thomas. Sim, desculpa a tua loucura, porque sei qual é a sua origem.

1.º Bap.^a Tu diz, sen.^o Thomas! sabe qual é a sua origem?

Thomas. Percebo que tu queres que a funcção dos teus annos tivesse esperas.
Tu já bebeste mais do que é o teu costume, e subiu-te a cabeça, a
não ser assim, não te atreverias a lembrar-te de m.^a filha p.^a casar contigo.

1.º Bap.^a Que dia?

M.^a J.^a (Ap.te) Não bem... assim gosto eu.

2
1.^o Bap.^a (Passando a E.) Não sei, m.^{to} bem, deste ouvido. Foi filho de, me, repe-
tir o que disse.

Thomas Aconselho-te a que não pomes a beber m.^{to}, porque tens um vinho m.^{to}
disparatado.

2.^o Bap.^a É a dar-lhe com o vinho.

Thomas O que admiro é a paciencia com que te tenho ouvido, e tomas sentido.
Daqui p.^o diante, nada de conversas com m.^a filha.

3.^o Bap.^a Decididamente, recusa-m'a?

Thomas Isso não se pergunta.

1.^o Bap.^a Lembre-se, s.^o Thomas, de que amo sua filha com tal excesso, que sou ca-
paz de fazer alguma desgraça por causa della.

Thomas E eu digo-te que, se continuas a teimar, que elle de ti por seductor. Tu
bem sabes as penas que as nossas leis marcam p.^o os ^{que} pedirem don-
cellas honestas e recatadas.

M.^a Ig.^a (Ap.te) Bonito. (A 2.^o Bap.^a) Deixa-lá em que se mette!

2.^o Bap.^a Importa-me cá o que elle diz!

M.^a Ig.^a Ah! não lhe importa?

3.^o Bap.^a Não me importa, não. Veremos quem vence.

Thomas Toma conta contigo, depois não te queixes. (Entra em cara.)

2.^o Bap.^a e M.^a Ignacia.

1.^o Bap.^a Este homem hade ser a causa de eu fazer alguma loucura.

M.^a Ig.^a (Aprossimando-se de 2.^o Bap.^a) Qu, te parece, meu pobre 2.^o Baptista?

2.^o Bap.^a Esta então não me larga.

M.^a Ig.^a É preciso dizer adeus ás tuas esperanças.

3.^o Bap.^a A v.^o m.^o é qui eu digo já adeus.

M.^a Ig.^a (Segurando-o.) Espera... ouve o que te digo... A menina Carolina não
te convem... Tu és m.^{to} rapaz, e precisas de quem tenha mais experiencia
que tu. Deves carar com uma mulher de idade, raro avêl, e que tenha al-
guma coisa de seu.

2.^o Bap.^a (Ap.te) Bem a'intendo. Nem com perinhos de lá a pôr se cahio. (Alto)
Senhora M.^a Ign.^a escusa de se comcar: tudo o que me disser a resp.^o
da sen.^a D. Carolina é tempo perdido. Bem vejo qui ella é m.^{to} creança
e que por isso ainda é seu de cabeça. Seu pai é um cabecudo insof.

frivel; tudo isso conheço eu, mas o que também conheço é que n. m.^{ce} está maluca.
Quer que eu case com uma mulher de idade raro avel, não é assim? Com
alguma que pudesse ser m.^a mãe, como n. m.^{ce}. Pois não, era o que me faltava.
Naturat as rabugices de uma velha.

M.^a J.^a O senhor é muito atrevido.

2.^o Pap.^a Também pode ser; no entretanto estimarei m.^{to} ter o gosto de amanhã tor-
nar a ver, e tenha tudo o que deseja. (Ap.te) Preciso por força fallar com
Carolina. Quero que saiba o que passei com seu pai. (Sav.)

M.^a J.^a Oiga certo, meu boi pai, que m.^o hade pagar. Eu se prometto que tanto
peide fazer que por fim não caçadas com a tua delambida. Dica
o negocio por minha conta. (Entra na venda de vinho.)

Scena 2.^a

O cavalleiro, D. Cesar Proença, Victor da Cunha,
Agostinho de Sá, e depois o morgado de Sarraceni.

D. Cesar (Saíndo da venda de vinho com os mais, vestidos de campinos e de
janotas que vão buscar os teiros.) Meus amigos, a idea do morgado foi
excellente. Os sabbados de teiros p.^a n.^{as} são dias consagrados ao prazer.
Foi extremamente delicada a surpresa que nos preparou levando-nos a
jantar a nova Cintra p.^a de Sá, e admirarmos o gado que logo havemos
de acompanhar.

D. Victor. Ora Deus queira que esta boiada seja melhor que a de domingo pas-
sado; porque no domingo só rabeu o pinto a pega de rabeu que fez o Valentim.

Agosto. Lá um rabejador como elle já se não cria na Borda d'agua; e p.^o isso
é que os pegadores de Bernesha em bois rabejados p.^o elle sempre
thespicam.

O cavab.^o Já morreu o rassinho que nunca negou o peito a um boi. Os outros
são uns camastrees, que o arreumatante ali tem p.^a per boi de en-
cher porque th.^o custam pouca muirica.

Victor. Veremos como se sae o mestre dos cavalleiros; esse homem
que partia bois ao meio em duetos de pé; que nunca pôr um rojão
que não fosse de morte.

Agosto. Também tento quido contar dessas facanhas, mas tenho-o vis-
to ir p.^a o charco um bom par de veres.

D. Cesar. Calla-te, meu pateta, tu dizes isso porque não entendes, e não

sabes o que é picar a estribeira
Agosto Meu amigo, isso é que tu me não ensinas, porque eu tenho lido o
Paião e Tona, unico escriptor portuguez que falla de corridas de
toiros, e conheço as sortes como nenhum dos que la vai. Sei o
que são sortes de rosto, o que são sortes a estribeira, sei o que é picar
a meia volta e não estranho as sortes de tira.

Victor Fallas como mestre, mas seja em que sorte for, em se chamando
um boi p.^a se lhe pôr um pau que um homem leve com os deis, acho
uma injuria de 50 por cento, o que não é nada bonito, na m.^a opinião.

Marg.^a ~~Ohem, lá vem o morgado, sei-me não pagamos.~~
(Rindo do lado da vendita de M.^a Ign.^a) Ora aposto que adivinho a
razão porque D. Cesar nos trouxe p.^a esta venda de pinho. É porque ao pé
mora uma rapariguinha que não é nada feia, não é assim?

D. Cesar Isso não se pergunta. Não ha rapariga bonita que escape ao meu
olho de lynce. Mas pelo ^{que} vejo não sou eu só que reparo nellas, tam-
bem o morgado as observa com attenção.

Marg.^a Esta vejo-a todos os dias que por aqui passo.

D. Cesar Ora aqui tem, meus senhores, um Lovelace. Está profundamente
apaixonado, e ainda se lembra de outras conquistas.

Marg.^a De maneira nenhuma. Pendo homenagem a' belleza, verdade é; po-
nem o meu coração já está dado, e mto bem dado, p.^a que em mim ha-
ja um só pensamento de infidelidade.

D. Cesar (Rindo a's gargalhadas) Ah! ah! ah! Perfeito... sublime... Oh!
meu amigo, cauras-me do... ah! ah!

Marg.^a Que motivo tem D. Cesar p.^a rir desse modo?

D. Cesar O morgado deu o seu coração a' condessa do Villar, não é assim?

Marg.^a Não faço disso mysterio.

D. Cesar E ella accitou - th'o?

Marg.^a D. Cesar, a condessa é uma senhora respeitavel e eu jamais consenti-
rei que ella seja o assumpto de uma conversação pouco reflectida.

D. Cesar (Rindo) Ah! ah! ah!

Marg.^a Já me impacienta com esse seu riso desproporitado... Que tem a dizer?
Ande, falle, mesmo diante destes senhores.

D. Cesar Não posso.

Marg.^a Quero que falle. Exijo-o. Tudo que respecta a' condessa e ao
amor que lhe consagro excita a m.^a curiosidade, ou os meus retos,

como queira, portanto preciso que se explique, do contrario dar-me-ha uma satisfacão.

D. Cerar Uma vez que absolutamente o quer, o que tento a dizer-lhe de certo o pode affligir. Meu pobre morgado! Acreditou que tinha triumphado do coração de uma sentimental condessa... para isso era preciso a-
prender a historia dos tempos passados.

Morg. Dixemos-nos de commentarios... vamos ao facto e de pressa...

D. Cerar Pois, meus amigos, estando hontem em casa da deliciosa, delirante e seductora condessa do Villar da Serra, e conversando-se a respeito desta mania do romantico, que parece ter-se apoderado de todas as senhoras da alta sociedade, bastantes pessoas a metteram a ridiculo, e a esse respeito se jogaram bastantes epygrammas. Entre elles souviu-se um mais picante que os outros contra a fidelidade das mulheres em guardar a feitura.

Morg. (Tomando a palavra.) Eu ha dois annos, pouco mais ou menos, andando ella uma noite a passear pela margem do rio, que corta a sua quinta, escurregou e cahiu n'agua, onde morreria infallivelmente, se não fosse um desconhecido que a risco da sua vida a salvou.

D. Cerar Isso exactamente. Então ja sabia?

Morg. A condessa sem duvida havia de dizer, que logo viu nesse homem, que o acaso fizera o seu salvador, o ente a quem estava predestinada. A escuridão da noite não deixou distinguir-lhe as feições, porém a sua voz suave e tímida mostrava que elle era moço, e seguramente denunciava uma origem pobre.

D. Cerar Ja, porém, meus Penhoxes, que não preciso mais nada p.^a exaltar a fogosa imaginação da bella e romantica condessa. = "O senhor salvou-me a vida; disse-lhe ella, pois juro consagrar-lh'a, e nunca ser d'outro, e p.^a segurança do juramento que lhe faço, aceite este penhor = " E immediatamente o desconhecido recebeu ^{uma praxe de} ~~um tocante~~ de cabello, que ella mesma cortou. Nisto muitas pessoas, admiradas da avaricia da condessa, correram a procural-a e fizeram fugir o mysterioso salvador.

Morg. E a condessa deves então Espera, que o seu salvador appareça p.^a desobrigar do seu juramento, ou p.^a reclamar a sua execução.

D. Cerar Foi o que ella disse, palavra por palavra.

Morg. Pois, o meu amigo, acreditou que eu desconhecia esse ~~homem~~ ^{homem}.
D. Cerar Visto que o sabe, para que está então a perder o seu tempo apaixonando-se pela condessa? Foi isso o que causou a minha pilandragem.

Morg. E quem lhe diz que ~~eu~~ perco o meu tempo?

D. Cerar Não ser que consiga fazer-lhe esquecer o homem que a salvou.

Morg. E por que não?

D. Cerar Ou que não seja o morgado o filho desconhecido, a quem ella deu a vida.

Morg. Quem sabe se serei?

D. Cerar (Rindo.) Ah! ah! Aventura era engracadiissima! Obrigame outra vez a rir.

Morg. Meus amigos, o que for soara. Basta de discussões a este respeito.

Vamos indo até do campo pequeno.

D. Cerar Será bom que facamos as nossas despedidas ao vinhete da tia M.^a Ignacia.

Todos. Apoiado. (Os rapazes entram na venda de M.^a Ign.^a - O morg.^o fica a bravar e sustem D. Cerar p.^a que fique com elle.)

Acto 2.^o - Cena 8.^a O morgado e D. Cerar.

Morg. Diga-me cá, D. Cerar, tem visto esta rapariga?

D. Cerar Quem? Carolina? A filha do procurador que mora ali?

Morg. Essa mesma. Tem a visto?

D. Cerar Há 3 semanas que lhe faço a corte, e seja dito aqui entre nós, não gostando della a um tal ponto que já me inquieta.

Morg. Então hade naturalmente ter-a observado bem?

D. Cerar Mto bem.

Morg. E não lhe notou alguma coisa que mais o impressionasse?

D. Cerar Ou mais me impressionasse! Porque me far tanta pergunta?

Morg. E porque daquella rapariga, meu am., depende toda a minha ventura.

D. Cerar Toda a sua ventura! Morg., respeito as suas inclinações, mas peço-lhe que...

Morg. Se cegue, não é isso que peço. Importa-me tanto a rapariga quanto ella se importa comigo.

D. Cerar Nesse caso não comprehendo.

Morg. D. Cerar é meu amigo, não é?

- D. Cerar Ainda o duvida?
- Morg. Não, e p.^o isso lhe vou confiar um segredo. O que ontem, ouviu em casa da condessa inquietá-me, sobremaneira.
- D. Cerar Compreendendo o motivo dessa inquietação. E porque não foi o senhor que a sabou.
- Morg. Não fui, não; e por isso receio todos ^{os dias} (que a chegada desse maldito desconhecido venha destruir p.^o sempre as m.^{as} pretensões. Adoro a condessa em extremo, mas conheço-a bem p.^o acreditar, que nada no mundo é capaz de a fazer trair o seu infernal juramento.
- D. Cerar Tudo isso que me diz não me excita a razão porque me fallou de Carolina. (Neste instante apparece da taberna M.^a Ign.^a, que observa p.^o todos os lados e como que falla p.^o dentro)
- Morg. Tchiv! Ah! está gente, que nos pode ouvir.
- D. Cerar É a dona da taberna. É uma boa mulher, que eu conheço, ha m.^{to} tempo, e que está sempre prompta p.^o me servir.
- Morg. Não importa, afastemo-nos. O que lhe vou dizer é da maior importância p.^o mim, e não pode ter a mais pequena demora. venha, venha.
- D. Cerar Vamos já. (Terminham na direcção do Campo pequeno.)

Continua a escusaria

Scena 9.^a
M.^a Ignacia, só.

(Vendo afastar os dois.) Não me engano. Aquelle pela voz era D. Cerar que fallava com outro. Quem será o outro? D. Cerar ha uma temporada não larga este sitio... Alguma namorada tem p.^o aqui. Quererem ver que se é a filha do Sr. Thomaz?! A dona da papbriga todos a qherem... Tomara que o pai desse por estes namoricos p.^o lhe dar uma boa tremida... Elle então que se ensaia p.^o isso. Demos tempo ao tempo, e veremos o que acontece. (Vae p.^o entrar.)

Scena 10.^a
M.^a Ignacia e D. Cerar.

D. Cerar (Baixo ao morg.^o que volta com elle.) A sua idea é excellente: deixo o negocio p.^o minha conta e verá como eu me sahio. (O morg.^o entra na venda.) (D. Cerar vem ao encontro da viuva, a q.^{ta})

trava da mão e conduz á scena.) Temos que faltar, senhora, M. Ign.
M.^a Ign.^a (*Fingindo-se assustada.*) Oh! meu Deus! Que medo que me mettu, senhor
D. Cerar! Tu fêto acaro o troucu hoje por aqui? Já dind' agora lh'ò
quis perguntar, mas como estava com os seus amigos.

D. Cerar Então ainda não adivinhou a razão por que passeis por aqui ha uns
poucos de dias? Temos nova conquista, p.^a a qual preciso do seu auxilio.

M.^a Ign.^a Mto prompta. Quem é a deusa?

D. Cerar Já lh'ò digo. Entretanto vá' accitendo isto. (*Dá-lhe dinheiro.*)

M.^a Ign.^a Mto obrigada, s.^{or} D. Cerar, mas... desejava saber de que se tracta.

D. Cerar Como está aqui ha mto tempo é natural que conheça os seus vizinhos.

M.^a Ign.^a Pouco mais ou menos conheço a todos.

D. Cerar Bem. Diga-me, então, quem é aquella rapariga que mora ali. (*A-
ponta para a casa de Thomaz.*)

M.^a Ign.^a Chamou-se Carolina; é filha de um procurador de causas.

D. Cerar (*Fingindo admiração.*) Ah! é filha de um procurador de causas!

M.^a Ign.^a (*Ap.te*) Já o tinha adivinhado... É a ella que elle namora.

D. Cerar Pois m.^{ica} senhora M.^a Ignacia, o caso está intrincado. Por mais tra-
ctos que de a imaginação não se como lh'è heide fazer chegar uma carta ás mãos.

M.^a Ign.^a Não lh'è de isso cuidado. Tu me encarrego de lh'è entregar. Uma carta
não é nenhum peso de cem arrobas.

D. Cerar A senhora M.^a Ignacia é uma estimavel pessoa. Mal sabe o impor-
tante serviço que me faz, e sobretudo, se não tiver mta demora a entrega.

M.^a Ign.^a Qual demora... Hade ser já.

D. Cerar Querera ter a bondade de se encarregar tambem da resposta?

M.^a Ign.^a Encarrego, sim senhor.

D. Cerar Bem. Vou ter com os amigos que me esperam, e até logo, senhora Ma-
ria Ignacia. (*Entra na Taberna.*)

M.^a Ign.^a (*Só.*) Até logo, senhor D. Cerar. Uma carta p.^a ella!... De certo
não é a primeira que recebe delle... Ah! m.^{ca} rotinha, tento-te nas
unhas. (*Chega debaixo da janella e chama.*) O menina Carolina,
far favor?

Scena M.^a
M.^a Ignacia e Carolina.

Carol.^a (*Chegando á janella.*) Quer alguma coisa, sen.^a M.^a Ignacia?

M.^a Ig.^a Desculpe o incommodo, mas ainda agora esqueceu-me entregar-lhe esta carta, que o correio me deixou p.^a a menina... O porte está pago.

Carol.^a Uma carta p.^a mim! e ainda pelo correio! De quem será?

M.^a Ig.^a Isso é que eu não sei. Tenha a bondade de vir recebê-la, ande...

Carol.^a Ah! vou. (Metta-se p.^a dentro.)

M.^a Ig.^a Uma vez que a acciãta hade lê-la, e não deica de responder-lhe

Carol.^a (Abrindo a porta.) Dê-m'a cá, faça favor.

M.^a Ig.^a Aqui a tem, e desculpe o incommodo.

Carol.^a O incommodo foi seu, e p.^a isso lh'o agradeço. M.^{to} boas noites, vireinha. (Retira-se fechando a porta.)

M.^a Ign.^a M.^{to} boas noites! Aposto que a vou já ler. Que me dirá ella em sabendo do seu conteúdo?... É capaz de se mostrar offendida, e de me dizer que é a primeira que recebe... Ora, estas sanctinhas! Para cá vem, ellas bem!

Carol.^a (Chegando de novo à janella.) Ainda ahí está, vireinha?

M.^a Ig.^a Ainda.

Carol.^a Faça favor de me dizer se sabe o que contém a carta que me deu?

M.^a Ig.^a A menina está doida? Como posso eu saber o que ella contém se m'a deram fechada e fechada lh'a entreguei.

Carol.^a Então, uma vez que o ignora, ou que finge ignorar-o, eu lh'o digo: este bilhete contém um pedido tão ~~impertinente~~ ^{atrevido} e ridiculo, que mais vale que eu me ria do que me enfade.

M.^a Ig.^a Deveras?

Carol.^a Cristo que se encargou d'elle, será a senhora, tambem quem leve a resposta. Já a vou fazer, p.^a lh'a dar no m.^{to} instante. (Vae p.^a dentro.)

Scena 2.^a
M.^a Ignacia, só!

M.^a Ig.^a Querem pôr que a tal menina pretenda fazer-me acreditar, que despreza os obsequios do fidalgo! Oh! mau Deus! Como são pehacas as raparigas d'agora! Ainda cheiram aos coiros e já são capazes de enganar o diabo! Esta então tem uma tal malicia, um descaram.^{to}, que eu fico pasmada do que vejo.

Scena 3.^a
M.^a Ignacia e Carolina

8

Carol.^a (Abre a porta da rua) Aqui tem a resposta, senhora.

M.^a Ign.^a Será entregue, menina.

Carol.^a Conto com isso, porque a pessoa que lhe deu a carta deseja naturalmente receber a resposta. Não tarde a entregar. Ah! senhora.

M.^a Ign.^a (Fecha a porta, mettendo-a p.^a dentro.)

M.^a Ign.^a (Só!) Ainda em cima cassoando commigo! Ora isto é o mais que pode ser! Que dirá ella na resposta? Se eu a pudesse ter antes de a entregar... Mas... sinto passos... talvez seja já o meu fidalgo.

Noite

Scena 14.^a
M.^a Ignacia e D. Cerar.

D. Cerar Então, que fez, tia M.^a Ignacia?

M.^a Ign.^a Que fez, meu senhor? Fui tudo. Entreguei a sua carta, e já aqui tenho a resp.^a

D. Cerar Desixas?! Isso é andar p.^a vapor. Dê-m'a cá.

M.^a Ign.^a Tê-a como m'a deram. (Dá-lhe a carta.)

D. Cerar Desempenhou a commissão perfeitamente, senhora M.^a Ign.^a Conte commigo p.^a o que quiser, e adeus. (Vai ter com o morgo, que o espera affastado.)

M.^a Ign.^a Adeus, senhor D. Cerar. (Ap.te) Veremos o que isto dá de si. (Entra na taberna.)

Escola Superior de Cinema
Scena 15.^a
O morgado e D. Cerar

Morgo. Então?

D. Cerar. Aqui temos a resposta.

Morgo. Já?!
D. Cerar. Quando eu me metto nas coisas... mas, como havemos de tê-la?

Morgo. Facilmente. Tenho aqui fosforos. (Accende um fosforo.) Dê-m'a. (Depois de têr rapidamente.) Ora está!... Recura!

D. Cerar. Não é possível!

Morgo. Pois veja. (Accende outro fosforo.)

D. Cerar. (Sendo.) "So respondo com o desprezo do auctor do mysterioso bilhete que recebi." C'laconico e positivo!

Morgo. Cagota que se hãdi fazer?

D. Cerar. Não sei... mas, espere... Oh! que idea!

Morg: Que lhe lembrou?
D. Cesar Lembrou-me furtar a rapariga.
Morg: Está doído, D. Cesar?
D. Cesar Não estou, mais ahí vem os rapazes, e' melhor affastarmos-nos
p^a fallar. (Affastam-se e passeiam conversando.)

Scena 16^a

Os m^{mos}, O cavalheiro, Victor da Cunha, Agost^o
de Sa, Um campino, J^o Baptista, Carolina,
Thomas Quintino, e alguns outros, e M.^{ca} Ignacia.

O Cavalh^o: (Fallando com Agost^o de Sa.) O' compadre, quer p^{er} que os barrei-
ras tambem hoje entram com medo de nos abrir as portas, como aconteceu
no sabbado passado? Ainda se não suria uma pancada de cho calho,
ja elles estavam com medo! Forte gente p^a fazer a policia das portas!
Agost^o: Nós lucravamos mais se fossemos contrabandistas, e não amadores
de torrada. Elles aos sabbados são capazes de deixarem entrar o coche
do Castro a oito cheio de contrabando em the pondo nos machos um cho calho
em fogar de freio. Forte gente p^a uma torrada de curiosos, como a da Contrabanda.
Victor Parece-me que ja seco a picadeira do boi de guia. Não suriem?
Cavalh^o: Qual historia! Ainda e' cedo. Sempre lá vem um novinho rabal-
po abevighado dos paes, que e' m^{to} torneiro. Disse-me o maioral,
lá nas Marnotas, que era o boi mais torneiro que trariam, e que só p^o mil-
que entraria na praça.
Agost^o: Deus queira que elle metta cabeça em alguma triuesoa, porque sempre
quero ver esses curiosos de parás emponteadas, que não passam da
Nova Cintra, dar-lhe terra para os p^{er} correr.
Cavalh^o: O' compadre, tu fallas nisto de triubuna. Parece um dos soldados da
netha guarda, que ainda o anno passado mostraram o que eram.
Campino (Reboto do lado do Campo pequeno, e chegando-se a elles, qui tem estado sem-
pre junto a porta da taberna.) Ora, Deus nos dê muito boas noites.
Todos Boas noites, maioral.
Camp^o: Eu não sou o maioral. O maioral está lá agrito do gado. Eu sou guardador.
Agost^o: Você bebe uma pinga?
Camp^o: E porque não?
Agost^o: Venha mata-ratos.

M.ª Jgn.ª (Aparecendo a porta.) Quanto?

Agosto. O sino grande. (M.ª Jgn.ª vai dentro e volta com o capô grande cheio de vinho. Todos bebem e brigam. o Camp.ª a repetir.) Vá lá, guardador, vá lá, mais.

Camp.ª. Juízo é o que se quer com a bubida em quanto a gente tem as suas obrigações. Eu não digo que também não pego na pinga, mas é só depois da missa, quando a gente vai a casa ~~com~~ o alforje.

Victor. O guardador, que tal lhe parece o gado p.ª amanhã?

Camp.ª. Eu digo a vocês: isto de bois são como as melancias; só se sabem as que são boas depois de se abrirem. Assim é cá o gado bravo. O boi só se vê que é bom depois de corrido. Olhe, eu fui guardador de Samora em outro tempo, quando haviam bois da raça ~~de Samora~~ ^{de Samora}. Isso é que era gado! Sempre tinham um cacho, que um homem ao rabo deles nem lhe via os pitus. Lá ganhei eu um dia este barrete cheio de dinheiro na praça da Murteira, quando peguei um boi, que nós lá chamavamos o marrão, que eu cuidei que pinha a praça abaixo com palmas. E de cara, p.ª ^{eu} quitera como os cães de fila, que não pegam senão de beico. É verdade que me ia levando o diabo, p.ª que o alma damnada do novilho deu-me ensarilhado uma bolada secca no estomago; que o que me valeu foram os companheiros, que me prantaram de pendurado n'uma porta até o bucho me sair ao seu lugar, porque estava pirado.

Victor. Que dizes a' operação?

Agosto. É que qualquer de nós morria da cura.

Camp.ª. Parece-me que o meu maioral está apartando os bois de cabresto dos novilhos, ^{que} por vão os cho-calhos, e então vou-me embora, que isto deve ser horas de arrincar.

Cavali. O guardador, você tem algum cavallo bom?

Camp.ª. Sempre tenho uma alimaria, com licença dos senhores, que em toda a Borda d'agua não ha quem lhe dê, e como está muito traquejado nos tractos das labutacões com os rezes empiendo novilho ou vacca, que faça ponto, ou que seja torneiro, está-lhe logo em cima; e olhe que está gadigo ha pouco tempo, por isso não dá bem pelas curvedas, mas em lhe prantando um cabresto é capaz de galopar de roda de um prato de papas de milho sem lhe por um pé dentro. Então vocês vem dahi?

Todos. Vamos lá.

Camp.ª. Vocês não deixam a campinagem, mas ciudad com o boi burguelho que é leve das castanholas e chora pelos cavallos. (Vão-se todos os que estavam.)

a porta da taberna e juntamente o campo: - Um moço vem fechar a porta e trancar a por dentro depois de ter tirado o ramo da umbreira.)

7.º Bap.^a (Olhando do lado do Campo pequeno.) Se eu pudesse, em quanto o gado não vem e que todos estão p.^a lá, dizer duas palavras a Carolina... Se eu não engano ella lá está na janella. (Aproccimando-se.) O menina Carolina... menina Carolina, sou eu...

Carol.^a (Luz está na janella ha tempo.) Não grite, que meu pae ainda está levantado.

D. Cerar (Ao morg.^o com quem tem estado observando o que se passa.) Que diabo quer dizer aquella pulto debaixo da janella da pequena?!

7.º Bap.^a Preciso m.^{to} fallar-lhe, e não temos m.^{to} tempo, p.^o que o gado não tarda p.^o ahí.

D. Cerar. (Ao morg.^o.) Os diabos me levem se não é um mamorado!

Thomas (Dentro.) Carolina!

7.º Bap.^a Uli! com a breca! É a por delle. (Esconde-se.)

Carol.^a Meu pae!

Thomas (Chegando por detrás della.) Por que te não deitas? Que fazes aqui?

Carol.^a Quero não passar os toiros.

Thomas Tens bom gosto. Eu não sou assim. Prefiro ir deitar-me. Passa sem a mite.

Carol.^a Boa noite, meu pae. Dite-me a sua benção. (Chamando.) 7.º Bap.^a Baptista! 7.º Baptista! Espere um instante, que eu vou lá abalao fallar-lhe. Daqui pode meu pae ouvir-nos... agora m.^{to} se recolheu ao seu quarto. (Mette-se p.^a dentro e fecha a janella.)

7.º Bap.^a Não se demore nada, que não temos tempo. (Passa.)

D. Cerar (Ao morg.^o.) O negocio pae é maravilha. A pequena entrega-se-me sem o menor custo. Vamos preparar o despecho.

Morg.^o Se precisa da m.^a rede, disponha della.

D. Cerar. Accito. Mãos a obra. (Desapparecem pela C. - 7.º Bap.^a vem da D. e examina se a estrada está deserta.)

Scena 17.^a

7.º Bap.^a só um instante, pouco depois o morg.^o e D. Cerar com quatro homens e afinal Carolina.

7.º Bap.^a (Olhando p.^a a janella e escutando a porta.) Não vejo nem ouço nada... Não estava ainda o curso do pae deitado. Se tarda mais um instante, retiro-me, que eu não quero estar aqui quando passar a toirada. 'Jesus! senhor! Por que será esta demora? (Neste instante o morg.^o e D. Cerar

aparecem seguidos de 4 homens. - Dois destes, depois de se terem separado com D. Cerar chegam-se a J.º Bap.º, agarram-n'o por detraz, impedindo que elle grite e levam-n'o quasi no ar.)

D. Cerar *(indicando a D.)* Já sabem o que hão de fazer... ir pela quinta acima, em chegando a Steinhaga metter logo a galope. *(Os dois homens leem J.º Bap.º)*

Morg. *(aos outros dois homens.)* Agora m'to cuidado com o que lhes recomendei... Respondem-me pelo seu procedimento.

D. Cerar Caluda, que veio mecher na porta. Fade, ser ella. *(A porta de Thomae abre-se devagarinho e Carolina apparece.)*

Carol.ª Pareceu-me ouvir passos... É'elle, certamente... Oh! meu Deus! Que escuridão! *(D. Cerar aproxima-se-lhe e pega-lhe na mão.)*
Quem é'?

D. Cerar Sou eu... *(Maxim.º de Carol.ª)*

Morg. *(Do outro lado.)* Não se assuste, menina.

Carol.ª Quem me querem os senhores? Deixem-me... Quem me accode? Socorro... Quem me accode... *(Neste momento os cho-cálhos dos cabrestos e gritos dos homens, que acompanham os boiros ruem-se m'to perto de cada um mais, e cobrem os gritos de Carolina, que é levada pelos dois homens, que acompanham D. Cerar. O mesmo cake.)*

Escola Superior de Teatro e Cinema

Fim do 1.º acto.

Acto 2.º

Interior da casa de Thomaz Quintino - Uma sala, mobilada modestamente - Cadeiras, canapé, e mesas de jogo - A E. uma secretaria - Na D. o quarto de Thomaz Quintino - Na C. o de Carolina - Ao fundo porta da entrada.

Scena 1.ª

M.ª Ignacia, só.

(ouve-se bater na porta da entrada. - Abre-se a porta - M.ª Ign.ª mette a cabeça e olha.)

M.ª Ign.ª Que novidade é esta?! A porta aberta, e por mais que bati, ninguem me apparece! (Entrando.) Está bom, está bom... entra-se por aqui dentro como p.ª uma praça conquistada! De certo aconteceu coisa muito extraordinaria! A porta do meu vizinho Thomaz aberta ás 6 horas da manhã, quando ainda todos estão deitados! O que mais me admira é ser elle tão acastelhado, e esquecer-se de fechar a porta... Esquecer-se elle! Nada... Aqui anda moiro na costa... Ora eu tenho toda a certeza de que não vi sair, ninguem esta manhã! E logo hoje que fui p.ª a janela ainda era noite esperar o João Baptista p.ª me contar a historia da carta, e ver o que elle me respondia. Nada, aqui ha mysterio que preciso descobrir immediatamente. (Sindo á porta da D. que entra abre.) Senhor Thomaz?

Thomaz (Ainda meio adormecido.) Que é?

M.ª Ign.ª Faça favor de cá vir.

Thomaz Ha alguma novidade?

M.ª Ign.ª A novidade é que não me apparece ninguem.

Thomaz Ninguem! Quem é que me está fallar?

M.ª Ign.ª Sou eu... a sua vizinha M.ª Ignacia.

Thomaz A senhora M.ª Ignacia! Como pode ser isso? Então onde está? Está na rua?

M.ª Ign.ª Não, senhor... estou em sua casa.

Thomaz Em m.ª casa!... Espere um instante, que não acho as ~~chaves~~ ^{chaves}.

M.ª Ign.ª Abre-se.

Thomaz Espere, senhora... deixei-me calçar as meias.

M.ª Ign.ª (Assim.) Que terá acontecido! Em todo o caso não foram os ladrões que abriram a porta.

Scena 2.^a
M.^a Ignacia e Thomas. Quint.

Thomas (Com mangas de cam.^a e barrete branco.) Ora aqui me tem... Que é isto? Está só, minha vizinha?

M.^a Ign.^a Então não sei que estou só?

Thomas. (Com um braço mettido na manga da vizinha.) Como diabo entrou cá?

M.^a Ign.^a Hoje, perante-me muito cedo, ainda era quasi noite; fui p.^a a janella ver amanhecer, e pareceu-me que a sua porta estava apenas cerrada. Quis certificar-me se assim era, desci á rua e com effeito vi que não me tinha enganado.

Thomas. Viu a minha porta aberta!

M.^a Ign.^a Sim, senhor; estava aberta.

Thomas. Oh! meu Deus!... estarei eu roubado! Sob.

M.^a Ign.^a Examine primeiro a fechadura, e verá que não foi forçada.

Thomas. É verdade!... e até cá tem a chave.

M.^a Ign.^a Não lhe digo eu? Agora passe revista á casa, não se tem tudo.

Thomas. Por aqui nada está mechido. (Vae á secret.^a) Dejamos a secretaria. Está tudo como estava. No dinheiro, nada falta... Não intendo isto... Que quer dizer esta novidade, vizinha?

M.^a Ign.^a Essa pergunta, lhe heide eu fazer.

Thomas. É incomprehensivel! Não de, ser mais de 16 horas, não acha?

M.^a Ign.^a Já tinham dado nas freiras de Arcios quando eu aqui entrei.

Thomas. Admira-me não estar já por ahí o meu ajudante!... Elle então que é tão madrugador! É Senhora M.^a Ignacia, faz-me o favor de subir ao quarto de minha filha e de a acordar, quando não se a deixam e capar de ficar na cama até ao meio dia.

M.^a Ign.^a Eu lá vou acordal-a. (Entra na C.)

Scena 3.^a
Thomas e Francisco Maria.

Thomas. Oh! senhor Franc.^o M.^a já por cá! Então nem só!... Que é do 7.^o Pap.^{ta}

Franc. M.^a Não sei delle.

Thomas. Não sabe ~~delle~~! Então elle não está com o senhor? Não é seu hospede?

Franc. M.^a É meu hospede, sim senhor; mas... é que...

Thomas Que é? Que sem piér que o mandrião ainda se não levantou?

F. M.^a Como se havia de levantar se não se deitou?

Thomas Não se deitou!

F. M.^a Esperei - o ontem, e fartei-me de esperar até que adormeci; e esta manhã até a hora que eu sahi. ainda não tinha recolhido.

Thomas Onde passaria aquelle tractante a noite? (Comsigo.) Iria de sucia acompanhando os teiros até ao Campo de S.^{ta} Anna? Nada... elle não lhe dá para ahí... E atreu-se aquelle sacripante a pedir-me m.^a filha... m.^a filha! Um dardo que o atravessasse...

Acto II.^a
Os m.^{mos} e M.^a Ignacia

M.^a Ign.^a (Pretendo.) Por esta não espera elle agora.

Thomas M.^{to} obrigado, pelo incommodo que teve, vizinha. A pequena já se está participando?

M.^a Ign.^a Para que assim acontecesse era preciso que se tivesse deitado.

Thomas Que me a dizer nisso, senhora M.^a Ignacia? Intimo-a p.^a que se explique que claramente

M.^a Ign.^a Pois claramente lhe digo que no quarto de sua filha não está ninguém.

Thomas Não está ninguém!

M.^a Ign.^a E a cama não foi mechida... ainda está feita.

Thomas A cama está feita!

M.^a Ign.^a E não foi outra pessoa, senão ella quem abriu a porta, em quanto o senhor dormia.

Thomas Oh!

M.^a Ign.^a Finalmente, que sua filha não ficou esta noite em casa, isso é claro como agua.

Thomas Senhora M.^a Ignacia o que é claro é que p.^o m.^o está ahí dizendo uma colleccão de disparates.

M.^a Ign.^a Pois então, vá o senhor piér.

Thomas Corre, no m.^{mo} instante a perificar isso. (Entra na C.)

M.^a Ign.^a (Comsigo) Vejamos que escandalo este! Quem havia de julgar que, uma ponsinha daquellas havia de dar semelhante passo... De certo fugiu com alguém... Seria isto o resultado daquella cartinha?... Se tal é o senhor D. Cerar é um grande magarao... Que dirá o J.^o Ba-

12
ptista em, sabendo que a sua Carolina fugiu de cara de seu pai ~~como um homem?~~

Scena 5.^a
M.^a Ignacia, Fran.^{co} M.^a Ignacio
dos Reis e am.^{os} de J.^o Bapt.^{ta} e depois Thomar.

Thomar *(Entra pallido, abatido e abacia-se a cair n'uma cad.)* Fugiu! Desap.
pareceu!

Am.^{os} M.^{to} bons dias, senhor Thomar Quintino.

Ignacio Aqui vimos dar os parabens ao nosso am.^o J.^o Bapt.^{ta} pelo dia dos
seus annos.

M.^a Ign.^a *(Endo a Thomar.)* Entao, e' certo o que lhe disse?

Thomar Estou perdido! Estou deshonrado... m.^a filha, sem divida fugiu com o seu
seductor... Mas quem e' o miseravel? Quem e' o maldado?

M.^a Ign.^a *(A parte.)* Não sou tão tota que lhe diga as suspeitas que tenho de D. Cerar. E' um
homem, cuja amizade m.^{to} me comuam. conservar.

Fran.^{co} M.^a *(Aos outros.)* Que a consubancia por cá? O senhor Thomar não está em si! Parece que
perdeu o juizo... anda como doído...

Thomar *(Levantando-se de repente, e como ferido de uma idta subita.)* Oh! que revelação do
inferno! Senhora M.^a Ignacia!... Senhora M.^a Ign.^a já sei quem foi o roubador...

Senhor Franc. M.^a faça favor de me dizer desde quando não vê o J.^o Bapt.^{ta}?

Fran.^{co} M.^a Desde pontum a tarde que estive commigo no Campo Grande á chegada dos
toiros.

Thomar Está certo de que elle não dormiu esta noite em sua casa?

F. M.^a Certissimo.

Thomar *(Com esplosão.)* Foi elle que m'a roubou.

Os amigos. Roubou-lhe'a!! O que foi que elle lhe roubou?

Thomar Roubou-me minha filha, a m.^a Carolina.

Todos Sua filha! *(Conversam vivamente entre si.)*

M.^a Ign.^a E' possível que fosse elle!

Thomar Rediu-me a em caramento, recusei-lhe'a, ameacou-me e agora vejo pela
desappareição dos dois culpados na m.^a noite, que não foi outro senão elle.

M.^a Ign.^a As provas são de atterrar.

Thomar Oiguem certos de que o maldado não me hadi escapar... Had' morrer nas
minhas mãos.

M.^a Ign.^a *(A parte.)* Entao foi mal de desconfiar de D. Cerar.

Thomas Dira, onde terão ido os dois infames? Onde estarão refugiados?

M.^a Ign.^a O que primeiro deve fazer, senhor Thomas, é procural-os, e logo que os encontrare separe-os; e depois entregue immediatamente o seductor á justiça, e é' m^{to} bem feito.

Thomas Isso é bom de dizer... Onde heide ir procural-os? A quem me heide dirigir? E logo heje que tento que ir por força a casa da condessa do Villar, que tanto me precia fallar! Isto é p.^a um homem perder a cabeça. Ohi, sem p.^a mim, vizinha, não lhe parece que perco a cabeça?

M.^a Ign.^a Então que' isso, senhor Thomas? Tenha animo! Se eu estivesse no seu lugar...

Thomas Penha commigo, senhora M.^a Ignacia, faça-me esse favor. ande, que só de a ouvir fallar já estou outro homem... estou capaz de...

M.^a Ign.^a Onde quer ir?

Thomas Vou a casa do pegedor contar-lhe tudo, e requerer-lhe a captura daquelle miseravel seductor; se elle não estiver em casa, então vamos á companhia do Cabeço de Bolla, pedir que me deem 2 soldados p.^a me ajudarem a prendel-o. Ande, penha commigo.

Fran.^{co} M.^a (Su tom, ido á escada, volta) Senhor Thomas, ahí vimos J.^o Bapt.^a já entrou p.^a a escada.

Thomas Já entrou! Quem me dá um pau, uma cadeira, uma banca, uma vara de ferro? Quero dar-lhe cabo do canastro.

M.^a Ign.^a Juizo, meu vizinho, juizo é o que se quer.

Todos Sim, sim; moderação, s.^r Thomas, moderação. (Os homens e M.^a Ign.^a procuram conter Thomas, que se quer lancar a J.^o Bapt.^a que entra neste momento, mal podendo andar, e assim se adianta até á scena, sem reparar em ninguém)

Scena 6.^a
Os mesmos e J.^o Baptista.

J.^o Bapt.^a (Comigo.) Ai! Qu não posso commigo! Qu galope! Qu galope! Estou derreadinho! Estou feito em salada! (Thomas solta-se das mãos dos que o sustentem, e dá um pontapé em J.^o Bapt.^a que faz um movimento de dor, e diz sem voltar.) Estas maneiras delicadas não podem ser senão do senhor Thomas.

Thomas (Justido pelos mais.) Onde vens tu?

J.^o Bapt.^a Apree-me do cavallo.

Thomas e os outros. Do cavallo?!

2.º Baptista Passei uma noite m^{to} agitada.

3. Thomas Ainda, o di! Tu infame!

2.º Baptista Foi uma jornada... fui...

Thomas Onde, onde? Dize, malfeitor...

2.º Baptista (com ar de mysterio) Não se póe em segredo (Traendo-o de parte.) A fallar a verdade, não lh'ó posso dizer, porque não sei.

Thomas Ah! tu estás casso ando commigo! Espera que eu t'ó digo.

2.º Baptista (sem o ouvir.) Ah! Tu corrido, meu Deus! que corrido! (Baptista sentar-se e levanta-se logo.) Nem m^{mo} me posso sentar! Em que estado eu estou!

2.º Thomas Cella? Onde está? Responde-me, scelerado, onde a deixaste?

2.º Baptista Deveras estou cahindo com somno.

Thomas Tu fizeste da desgraçada?

2.º Baptista (sem comprehender.) Tu maldita besta!

Thomas Onde a conduzieste?

2.º Baptista Não era eu que a conduzia, era ella que me levava, e pode gabar-se de que andou commigo por montes e valles... Pais se a recomungada creio que levava o freio nos dentes!

Thomas Levava o freio nos dentes, m^a filha!

2.º Baptista Oh! que estafadeira!

Thomas Não ouves o que te digo? Fallo-te de m^a filha, da m^a Carolina, que tu me furtaste.

2.º Baptista Tu tiv-lhe a menina Carolina? sua filha! Senhor Thomas, isso não são graças que se digam! Essa brincadeira é' impropria do seu caracter e da sua idade.

Thomas Tu és que estás robando commigo, porque ninguem foi, senão tu o seu roubador.

2.º Baptista Eu! Pois eu havia de roubar a menina Carolina, que como se veneram as sanctas! Com seis centos mil! A m^a vontade era agora dizer-lhe tudo que me lembrasse, palavra de honra... Mas p^a que? Um homem como o senhor é' peior que um javardo. (Senta-se n'uma cadeira. Desde este instante não lh'é importa mais o que lhe dizem, e só tracta de combater o somno.)

Thomas (com furor.) Tu insultas-me, maroto. (Destem-n'o.) Conta que m'ó has de pagar.

M^a Ign^a. (Com sigilo.) Mau! mau! isto cada vez está mais serio, e pode dar muito de si.

Thomas (Fora de si) Não lá fiar-se n'uns patifes destes! Não lá admittir em casa um traidor, que não contente em seduzir a filha do seu patrão, furta-lh'a de casa e leva-a sabe Deus p^a onde. (Ameaça-o com um

murro ao pé do nariz.) Mas, deixa estar, que eu já t'ò vou dizer. (Conser-
ta e arranja o vestuario, põe o chapéu, e vai p.^a Sahir, mas encontra-se ao
fim do com D. Cerar, que appareceu durante o fim da scena.)

Scena 7.^a
Os mesmos e D. Cerar.

D. Cerar O senhor Thomaz Quintino?

Thomaz Sou eu, senhor.

M.^a Ign.^a (Ap.te) Que virá cá fazer o senhor D. Cerar?

D. Cerar Desejava dar-lhe duas palavras, senhor Thomaz Quintino.

Thomaz Agora é m.^{to} má occaricio, porque vou já sahir... se quizesse ter a bondade
de voltar m'outra qualquer hora; m.^{to} porque tenho a cabeça em tal estado,
que não sei o que faço nem o que digo.

D. Cerar Aconteceu-lhe alguma coisa?

Thomaz Uma grande desgraça. (Desce a scena.)

D. Cerar (Seguindo-o.) O que foi?

M.^a Ign.^a (Ap.te) Estão morrendo por saber a que vem elle cá.

Thomaz Mas eu, m'pingarei com depressa... isto não fica assim.

D. Cerar Se lhe posso ser util em alguma coisa, senhor Thomaz, disponha de
mim. Conte commigo e com as m.^{as} relações que tem algum valimento,
e a condessa do Villar que me manda ter com o senhor.....

Thomaz A condessa do Villar! A sua cara, já eu agora....

D. Cerar Pois encarregou-me de lhe dizer que precisa immediatamente fallar-lhe,
porque quer terminados os seus negocios q.^{to} antes... A condessa o mais
tardar em 8 dias casa com um am.^o meu... o morgado de Sarraceni..

Thomaz Tudo se junta p.^a meu martirio! S. Ex.^a agora já quer concluidos
os seus negocios, e até aqui nunca teve pressa por mais que instei com
ella para os ultimar... Isso não é o que me dá mais cuidado. Vou
dar as providencias para que ponham em ordem todos os papeis
relativos aos negocios de S. Ex.^a, e que eu tento de lhe apresentar.

(Vai p.^a dentro. Em q.^{to} elle falla D. Cerar opha p.^a todos os lados. - M.^a

Ign.^a chega-se a elle e falla-lhe em voz baixa.)

M.^a Ign.^a (A D. Cerar.) Com mais que procure não a vê... Roubaram o pas-
saro da geiola... Desappareceu a menina Carolina...

D. Cerar (Fingendo admiracão.) Isso não é possível! E já se sabe quem foi

o atrevido que tal fez?

M.^a Ign.^a (Mostrando the 2.^o Bapt.^{ta} que dorme.) Alhe... elle ali está.

D. Cerar. Aquelle é o 2.^o Baptista, o ajudante do senhor Thomaz.

M.^a Ign.^a É um bom heroe, não tem duvida.

D. Cerar. (Apte.) A galopada produziu o seu effecto. (Alto.) Então já se sabe que foi elle?

M.^a Ign.^a Hade ir parar á cadeia... o caso não é p.^a menos.

D. Cerar. A cadeia? Ah! o pai da pequena é que lá o mette. (Apte.) Bem bom... fico piore dellu... O negocio caminha, uma maravilha, tanto p.^a o morgado como p.^a mim.

Thomaz (No ttruneto.) Aqui por os papeis que pertencem á senhora condessa. Hoje la vou sem falta; até m.^{mo} via já se não fosse ter precisão de ir primeiro a cara do meu pegedor.

D. Cerar. Bem sei o que o leva lá... tem toda a justica.

Thomaz Forte infelicidade!

D. Cerar. Sinto tanto o seu desgosto, que tambem quero ir, quero acompanhal-o ao pegedor.

Thomaz Pois quer ter esse incommodo?

D. Cerar. Quero, sim, senhor; e verá como o negocio marcha depressa. Hade ir a galope. Ande, lá! (Vai apressadamente, seguido de Thomaz e dos outros.)

Escola Superior de Teatro e Cinema
Cena 8.^a
M.^a Ignacia e 2.^o Baptista.

2.^o Bapt.^{ta} (Despertando.) A galopi! (Levanta-se e esfrega os olhos.) Quem foi que disse a galopi? (Corre ao fundo, depois volta á scena.) Foi v.^{m.}, senhora M.^a Ignacia?

M.^a Ign.^a Dormia, que ainda tem somno... No menos em quanto dorme, não se occupa a furtao raparigas.

2.^o Bapt.^{ta} Ainda isso dura?! O senhora M.^a Ignacia, v.^{m.} que é uma mulher, respeitavel pela idade e pelo seu estado de viuva; é que me pode explicar toda esta embrolhada. Tudo isto me parece uma charada, que ainda me não foi possível decifrar.

M.^a Ign.^a Isso mesmo... Finge que não percebes nada do que se passa, meu hypocrita! Acreditavas que se não plava pela coiza? Enganaste-te. Já se sabe tudo. Logo nos vierem dizer que não ficaste esta noite

em cara... e como a menina Carolina também fugiu esta noite e ainda não appareceu, ninguém foi senão tu que desinquietaste.

João Bapta Pois ella não ficou em casa?! Que diabo de historia é esta? Fontem a noite, confesso, tinhámos ajustado de fallarmos depois da meia noite, ella da janella e eu da estrada...

M.^a Ign.^a Ah! então já declaras que havia plano?

João Bapta Qual plano, nem meio plano! Não pude dizer-lhe nada... Ainda bem não tinha chegado, agarraram em mim uns homens e levaram-me à força até me montarem n'um cavallo, que deitou a correr commigo, logo ^{que} um dos sujeitos gritou = a galope = tal qual como ha pouco me pareceu ouvir dizer aqui. - Não lhe digo nada... o maldito animal parecia que tinha arrougue... galopou toda a noite, e só parou ao amanhecer, que foi quando pude ser senhor d'elle, mas de que forma, m.^a rica sen.^a M.^a Ignacia? Reduzido ao estado de completa... Mal podendo mecher-me cheguei aqui, e assim que entro dizem-me que roubei uma mulher... e então quem? a menina Carolina!! Ora, isto é p.^a um homem endoidado... é p.^a dor com a cabeça n'uma parede...

M.^a Ign.^a (Pensativa) Tudo isso que me dizes é a pura verdade?

João Bapta Ora essa! Ate vou jurar-o pela sua alma, sen.^a M.^a Ign.^a

M.^a Ign.^a Então, digo-te, meu pobre João Bapta, que és o joguete de uma infernal machinação... és sem duvida a victima de uma horrivel intriga...

João Bapta Acredito... acredito...

M.^a Ign.^a Quem é o seu auctor, e quaes são os seus fins, não t'os posso dizer, porque o ignoro; mas que prombam de ti, e que te enganam, isso é certissimo.

João Bapta Enganam-me!... Quem?

M.^a Ign.^a Olha, Carolina é uma das que te engana... Tenho provas... mas o melhor é não dizer nada...

João Bapta O' senhora M.^a Ignacia; falle, falle por quem é!

M.^a Ign.^a Não quero... era causar-te desgosto...

João Bapta Engana-se se pensa que isso me afflige... pelo contrario, alegra-me.

M.^a Ign.^a Pois então sabe que Carolina namora um sujeito... um tafelão...

João Bapta Custa-me a crer isso.

M.^a Ign.^a Custa-te a crer? E se eu te disser que ella recebe cartas d'elle, e que já lhe tem fallado?

João Bapta Quem se ha em mulheres! Eu tão tolo que acredito na sua fide-

1 tidade! Tu infame! Deixa-se cair n'uma cadeira, e logo se levanta. Mas p.^a que estou eu affligindo-me? Nada... deitamos o coração a' larga... Vingo-me della namorando a torto e a direito... vou ser um seductor, um conquistador de tudo que puster saias, e comico ja por esta... Senhora M.^a Ign.^a di' cá já um abraço.

M.^a Ign.^a (Ap.te) Vamos... elle não comica mal... parece-me que triumpho...

2.^o Bapta (Ap.te examinando-a). O diabo é que ella está ja tão madura... Daqui a pouco está sorrada... é o mesmo.

M.^a Ign.^a É preciso ter m.^{to} mau coração p.^a enganar um rapaz, tão bom como tu és!

3.^o Bapta Sou bom rapaz, sou.

M.^a Ign.^a Recber cartas!

3.^o Bapta Sim?! E como sabe que ella as recebeu?

M.^a Ign.^a Ora passa! Se fui eu mesma que lh'as levei...

3.^o Bapta O m.^{ce}!

M.^a Ign.^a Certamente que sim... isto é, certamente que não... quero dizer... (Ap.te) Tu asneira que fize agora!

3.^o Bapta Com que então a senhora M.^a Ignacia quem protege, tão indigna correspondencia? É o seu correio? M.^{to} hem, fico-lhe obrigado... Olhe, se tivesse menos 3.^o donos, o que merecia era que eu a fizesse em estuhas... ainda assim, não sei o que me contém...

M.^a Ign.^a (Ap.te) Sempre sou m.^{to} estúpida!

3.^o Bapta Agora percebo tudo. Já me não admiro...

M.^a Ign.^a (Alto, depois de ter olhado pela porta.) Calle-se, calle-se... parece-me que ahí vem a menina Carolina...

3.^o Bapta Carolina!

M.^a Ign.^a Observemol-a. (Procura levar 3.^o Bapta p.^a o fundo e, mas elle deixa e vai p.^a a D.)

Acto 9.^a
Os m.^{tos} e Carolina.

Carol.^a (Entrando, e julgando estar so.) Gracias a Deus que cheguei. Estou morta de cansaco. Já me faltavam as forças e o animo p.^a andar, e p.^a meus deus acreditem que não deitava ate cá.

M.^a Ign.^a Não me conviem ficar agora aqui... É melhor deixal-os um com

o outro altercarem a sua vontade. (Sai pelo fundo.)
Carol.^a Que fortuna não era p.^a mim, se ninguém tinha dado pela m.^a duencia...
Vamos depressa p.^a o meu quarto. (Da com J.^o Bapta que se lhe atravessou
na passagem.) Jesus! O senhor J.^o Bapta aqui!

J.^o Bapta. Aqui, sim, senhora. Porque se admira? Mas que tem, não passou bem a
noite? Hoje madrugou! Já nem de passear?

Carol.^a (Ap.te) A m.^a desgraça é certa. (Atto com hesitação.) Meu pai não
está cá?

J.^o Bapta (Ap.te) Bem te entendo... mudas de conversa p.^a me, não responder, mas enga-
nas-te. (Passia agitado. - Atto.) Não está, não, senhora... Sahu...
Fiquei m.^{to} contente quando esta manhã a procurei e não a achei...

Carol.^a Já me procuraram, então não tenho esperanças... Estou perdida!

J.^o Bapta. É bem feito.

Carol.^a (Indignada.) Que dir?

J.^o Bapta (Suadindo em colera.) Digo... digo, que estou m.^{to} satisfeito com o que lhe
acontece... Estou pulando de contente... Ora, se estou. (Ap.te) É tal a
raiva que sinto, que se me podessem a mão na bocca dava um estouro

Carol.^a Isso, senhor J.^o Bapta não me parece seu... Não lhe merecia que me
dissesse semelhante coisa.

J.^o Bapta. Que queria então que lhe dissesse depois de fazer o que fez? Quem
tal havia de julgar da senhora!

Carol.^a E se eu não fosse culpada? E se eu tivesse desaparecido de casa,
levada à força, e empregando-se p.^a isso até a violência?

J.^o Bapta (Ap.te) A fallar a verdade pode m.^{to} bem ser... Dtos são levados
contra sua vontade! Eu que o diga...

Carol.^a E é o s.^o proprio que me tracta assim, e que me acredita culpada!

J.^o Bapta. Na verdade não me parecei estar m.^{to} innocente.

Carol.^a Pois não devia fazel-o, p.^a que o senhor é a causa de toda a mi-
nha desgraça.

J.^o Bapta. Eu! Essa agora é melhor!

Carol.^a Então por quem foi que eu estive na janella hontem à noite, e me atrevi
a descer à rua, visto que da janella não lhe podia fallar sem ser
surrida de meu pai? Ande, diga... Quem foi a causa de eu praticar
similhante imprudencia? Melhor fora que me tivesse ido deitar,
e não cedesse aos seus rogos, p.^a que assim que cheguei lá abaixo, pen-

sando que o encontrava, logo me senti agarrada, e não pude ~~estar~~ ^{estar} a quem me levassem.

7.^o Bap^{ta} (Ap^{te}) Tal qual como eu! Dar-se-ha o caso que também me tomarem por uma papavira!

Carol.^a É duvida de mim? Accusa-me sem saber se meenco as suas recriminações! Oh! isso é matar-me!.. (Chora.)

7.^o Bap^{ta} (Dendo-a chorar.) Chore, chore... isso m.^{mo} quero eu.

Carol.^a Mas é m.^{to} soffrer... não quero supportar p.^{to} mais tempo tão injustas suspeitas, e até não procuro justificar-me... meu querido 7.^o Baptista...

7.^o Bap^{ta} Meu querido! Então, já juram um descaroimento como este?

Carol.^a Torne a si, e pense bem...

7.^o Bap^{ta} ~~Oh!~~ Obrigado pelo conselho... Por eu pensar m.^{to} no caso é que o juizo me anda aos tombos... Quem me dera estar com milhaõ de leguas longe daqui.

Carol.^a Atenda-me... ouça-me (Pega-lhe por um braco.)

7.^o Bap^{ta} Não tenho que ouvir... Mas, diga lá, vejamos como se justifica... (Agitando-se.)

Carol.^a Justificar-me! Bem vê que não preciso...

7.^o Bap^{ta} Eu digo-lhe que precisa. (Ap^{te}) Parece-me que tenho 4:000 formigas a treparem-me pelas pernas acima. (Alto.) Vamos lá, diga, fale...

Carol.^a (Virando uma carta d'algiebeira e dando a 7.^o Bap^{ta}) Aqui tem, leia.

7.^o Bap^{ta} Uma carta!

Carol.^a Sim, uma carta que a m.^a picincha M.^a Ign.^a me entregou, haitem ~~de~~ ^{noite} antes da chá.

7.^o Bap^{ta} Não me admiro disso. É proprio daquella qualidade de mulheres servirem de alcofas, porque na sua idade já não servem p.^{to} outra coisa.

Carol.^a (Com impaciencia.) Leia, peço-lhe que leia.

7.^o Bap^{ta} (Abre a carta, faz um gesto de desgosto, e depois lê.) "M.^a menina... (Representa.) Sua menina!.. Que patife!.. Atreverem-se a escrever desta forma a uma senhora de bem!"

Carol.^a Continue... leia p.^a diante.

7.^o Bap^{ta} "Pode fazer-me o mais feliz dos mortaes." (Representa.) Dos mortaes!! Que tecido de infamias! Não quero ler mais.

Carol.^a (Continuando a ler.) "Pode fazer-me o mais feliz dos mortaes, e p.^a que isso aconteça, nada mais lhe peço, que uma trançinha do seu cabelo."

7.^o Bap^{ta} Hein?

Carol^a (Lendo.) "Não m'a recusei..."

João Baptista Tudo isso está escripto nesta carta... aqui tem o que lhe faço... (Amarrada o papel.) Uma trancinha do seu cabello! e mais nada? Elle que, lh'a pedia e' p. que se considerava com direito de a possuir. E deu - lh'a?

Carol^a Recusei - lh'a, e tractei com o devido desprezo a mulher que se encamegou de me trazer a carta.

João Baptista Tudo isso e' possível, mas o que desejava que me explicassi era como se deu o caso de ontem a' noite...

Carol^a Agarraram-me, levaram-me a força, e apesar dos meus gritos, ~~me~~ ~~figuraram-me~~ ~~em~~ ~~força~~ ~~de~~ ~~força~~ a entrar numa sege.

João Baptista (Apote) Está feito!.. uma sege sempre e' melhor que o meu quadrupede.

Carol^a Tudo isto aconteceu sem que eu ainda sáber como... O que posso dizer e' que depois de andar mto. parou a sege, e que me fizeram apelar e entrar n' uma cara, que de certo era de algum figurão, porque tudo que havia nella era rico e de luxo.

João Baptista Tenho eu paciência para ouvir tudo isto!.. sempre sou um grande animal! Ande lá, continue...

Carol^a Taparam-me os olhos logo a' entrada...

João Baptista Então como viu tanta riqueza?

Carol^a Conheci que era cara opulenta pelo sofá estofado em que me fizeram sentar, e pelo tapete que havia na sala, e porque enfim tudo me fez conjecturar...

João Baptista Ou era a cara de algum estroina rico, de algum fidalgo?.. Ah! estes fidalgos... estes fidalgos... se eu pudessi dar cabo de m^{tos} d'elles...

Carol^a Apenas me tinham feito sentar chegou-se a mim uma pessoa, que ~~pela voz conheci ser~~ homem.

João Baptista Um homem!

Carol^a Quem me disse: "Nada recusei..." (Sinaes de incerteza de João Baptista) Já vou saber o que se pretende da senhora.

João Baptista ~~Qua elle p'ntendia~~ não custa m^{to} a adivinhar.

Carol^a A senhora recusou hoje com toda a altivez satis fazer-me um pe-dido que lhe fiz. Quereendo, pois, a todo o custo possuir ^{uma trancinha} ~~um~~ ~~do seu cabello~~ ~~do seu cabello~~, que p. a mim e' como thesouro, fil-a recubar esta noite ~~trazer aqui~~ p. a' lhe cortar eu mesmo a porção que desejo.

João Baptista Uma porção do seu cabello! Como se adivinhara este tenebroso mys-terio!

Carol^a Por mais esforços que empreguei p. a' obstar a tão indigno procedim^{to}.

tudo foi inutil. Seguraram-me as mãos e não pude ser senão de mim. ^{deu}
~~o meio havia~~... a lucta era desigual.

1.º Bapta Bapta... não me diga mais...

Carol.^a Senti chegar-me um ~~uma~~ ~~thermos~~ ~~de~~ ~~cabello~~, e ~~contarem~~ ~~me~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~estava~~ ~~estando~~ ~~da~~ ~~te~~ ~~recusava~~.

2.º Bapta Um bocadinho de cabelo?

Carol.^a Um bocadinho de cabelo.

3.º Bapta E não queriam mais do que isso?

Carol.^a (Indignada.) Senhor.

4.º Bapta. Esta honra... está bom... Acredito que ~~seja~~ ~~um~~ ~~bocadinho~~ ~~de~~ ~~cabello~~. Mas quem será o malvado capaz de uma tal embuscada? Deve ser por força algum cabeleleiro.

Carol.^a Immediatamente senti affastar-se o tal homem, e dizer em voz baixa: tornem a condicir esta menina... Então chegou-se a mim outra pessoa..

5.º Bapta. Havia de ser outro cabeleleiro.

Carol.^a Cajudou-me silenciosamente a levantar do sofa; ~~onde~~ ~~estava~~ ~~e~~ ~~a~~ ~~indi~~ ~~gnação~~ ~~me~~ ~~tinham~~ ~~como~~ ~~pregada~~, ~~per~~ ~~me~~ ~~a~~ ~~travessar~~ ~~me~~ ~~tas~~ ~~caras~~ ~~até~~ ~~chegar~~ ~~a~~ ~~sege~~, ~~onde~~ ~~me~~ ~~deixou~~, ~~depois~~ ~~de~~ ~~ter~~ ~~fallado~~ ~~ao~~ ~~bolieiro~~ ~~em~~ ~~segredo~~.

6.º Bapta. E depois?

Carol.^a Depois não sei p.^o que caminho vim, nem quanto tempo andei de sege; o que sei é que me achei n.^o uma arinhaga que nem dar ao Campo grande, ~~onde~~ ~~o~~ ~~bolieiro~~ ~~me~~ ~~per~~ ~~apreia~~, estava a romper o dia; e por mais perguntas que lhe fiz, a tudo me respondeu, rindo-se. Mi fiquei sosinha, esperando que o dia aclarasse de todo, ~~e~~ ~~que~~ ~~se~~ ~~estrasse~~ ~~o~~ ~~meu~~ ~~pa. ~~Até~~ ~~me~~ ~~custou~~ ~~a~~ ~~entrar~~ ~~agora~~ ~~não~~ ~~se~~ ~~por~~ ~~que~~ ~~já~~ ~~me~~ ~~iam~~ ~~faltando~~ ~~as~~ ~~forças~~, mas por que tinha medo das suas suspietas e da cozena de meu pai. (Chora.)~~

7.º Bapta (Commosido, e com bondade.) Tudo isso que me diz é verdade, menina Carolina?

Carol.^a E' sim, meu amigo; tudo é verdade.

8.º Bapta (Chorando.) Da-me m.^o gosto se assim é... deveras... estou contente... De cá a sua mão, e faça de conta que nada houve entre nós. (Com expletos.)

Mas pude encontrar o tal cabeleleiro, que furta raparigas p.^o lhe cortar ~~tradiças~~ ~~bocadinhos~~ ~~de~~ ~~cabello~~? E' preciso que lhe diga que a mim também me levaram ~~(Deu-se motivo na escada.)~~

Carol.^a Oh! meu Deus! Quem vem ahí? E' sem duvida meu pai!

9.º Bapta. Não é. São os meus amigos, que vem festejar o dia dos meus annos. Citados! Não sabem o que por cá vai.

Scena 10.^a
Os mesmos, Fran.^{co} M.^a Ignacia
dos Reis e mais am.^o de Jo.^o Bapt.^{ta}

2
Fran.^{co} M.^a (e Jo.^o Bapt.^{ta}) Então já isto por cá está em doçago? Já tudo entrou na ordem?
Mto. bem... é o que nós queremos. Que tristura não era a nossa, se logo no dia
dos teus annos tinhas de soffrer tamanho desgosto.

Jo.^o Bapt.^{ta} Já passou tudo. Já cá está a menina Carolina, e o ser.^o Thamar, não tor-
da por ahí.

Thamar (do fundo, fallando com as pessoas que o seguem.) Entrem, entrem.

Carol.^a Meu pae!

Jo.^o Bapt.^{ta} Quem vem com elle?

Thamar Tomem mto. cuidado... não deixem escapar o monstro.

Jo.^o Bapt.^{ta} De quem falla elle?

Carol.^a (Aperte.) Jesus! Estão toda a tremor!

Instituto Politécnico de Lisboa

Scena 11.^a

Os mesmos, Thamar Quintino, o escriptor do regedor,
pouco depois M.^a Ignacia, e dois soldados de cavall.^a
municipal.

Thamar Agarre-me aquelle maroto! Prenda-me!

Jo.^o Bapt.^{ta} Prender-me!

Todos Prender Jo.^o Baptista! Porquê?

Thamar Não é da conta dos senhores.

Fran.^{co} M.^a Mas senhor Thamar não se prende assim um homem sem mais nem
mais. É preciso que haja razões p.^a isso.

Thamar Ah! Querem saber as razões que ha p.^a o prender? Com'as digo: João
Bapt.^{ta} é um infame, que seduziu, e ainda fez mais, furtou a filha
do seu benefactor.

Todos Elle!

Thamar Sim, senhores. Quando for tempo apresentarei as provas, e podem já
saber que a melhor prova é aquella que se não pode pigar, e terem os dois
culpados passado a noite fora de sua casa, tanto m.^a filha como elle

(Murmúrios entre os assistentes.)

Carol.^a (Aperte aterrada.) O que! também elle!

Thomas Vejam agora se elle e' digno da sua amizade...

[Signature]

Todos De certo que não.

1.º Baptista Isto não se pode soffrer! *(Thomas falla com o escriptorio.)*

Carol.ª *(Chegando-se apressada a 1.º Baptista)* Pois o senhor ficou esta noite fora de casa?

1.º Baptista E a senhora não lhe aconteceu o mesmo?

Carol.ª É motivo por que isso me aconteceu ja o senhor o sabe, mas a sua ausencia talvez se não possa justificar tão facilmente...

1.º Baptista Talvez... talvez...

Carol.ª É indigna... é infame a sua conducta!

1.º Baptista Diga o que quiser...

Carol.ª E ainda ha pouco atreveu-se a censurar-me...

1.º Baptista Mas se eu...

Carol.ª *(Affastando-se.)* Deixe-me... deixe-me...

M.ª J.ª *(Ap.te)* Bem... isto vai optimo...

1.º Baptista Ah! elle e' isso... A senhora também e' contra mim?... Pois deixem estar, que eu lhes mostrarei quem sou.

Thomas Tu ainda em cima nos ameacas, miseravel! Senhor escriptorio, faça o seu dever, leve-o ja daqui.

1.º Baptista Não tem dividida... eu cá vou... *(No breme.)* Mas fiquem certos de que não ha de poar a sua avante... Veremos quem vence...

(Levam 1.º Baptista. - Cai o pano.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

f
Fim do 2.º acto.

Acto 3.^o
Um sala ricamente mobilada. - Entrada principal no fundo - Portas lateraes.

1.ª Cena
A Condessa e o morgado.

Cond.^a (Assentada, e o morgado em pé junto della.) Foi então V. Ex.^a o meu salvador? Já vou n'um anno que todos os dias o espero, e com bastante impaciencia, confesso.

Morg.^o E' possível?!
Condessa

E' até m^{to} natural. Naquelle occazião o escuro da noite, e ainda, mais a commoção, o terror que de mim mesmo se apoderou, não me deixaram reconhecer-o. Porém, passado o perigo, e logo que se afastou de mim, uma divida terrivel me accommettu. Que homem era este a quem eu por mim, solemne, posto que inconsiderado juramento, lhe promettera ser sua? Era moço e bonito, au velho e feio? Francamente lhe digo que essa incertez, bastante me inquietou.

Morg.^o E agora já está tranquilla?
Cond.^a

Um pouco... Mas não me dirá porque a esse respeito se conservou silencioso tanto tempo? Receiava que eu não cumprisse a promessa que lhe havia feito? Menos que outra qualquer mereço uma tal divida. Todos conhecem as minhas ideias sentimentaes a ponto de me qualificarem de romantica, ou talvez de doida, e a não ser que um resto de galanteio.....

Morg.^o Pelo amor (de Deus, senhora condessa... Não os maus e os inuexpos, cujo numero desgraçadamente não é pequeno, e que são capazes de depreciar sentimentos que não comprehendem, porque para elles são m^{to} elevados. Mas como queria V. Ex.^a que eu acreditasse em tamanha felicidade? Ainda havia poucos dias que eu lhe tinha sido apresentado n'uma das suas numerosas reuniões, de que é sempre a rainha. Confundido por entre as pessoas que, naquelle dia, enchiam as salas do seu palacio de Pimada Serra, contentava-me em admirar-a e adorar-a em silencio, mas quando a noite vi que se dirigia p.^a a quinta, não sei que subito sentimento de ciúme me accommettu. Desconfiei de alguma entrevista, e por isso a segui escondido na sombra. Julguei como eu não ficaria quando, depois de a tirar do rio, lhe ouvi a promessa de ser m.^a Fiquei pouco de esperanças e de alegria! Contudo, um terrivel pensamento veio

destruir a m.^a ventura... talvez fosse o reconhecimento que a obrigasse a uma
promessa, tão visongeira p.^a mim... e foi p.^a me certificar disso, que até hoje guardo
silêncio. Finalmente, senhora condessa, antes de me declarar, quis ter a certeza
de que era amado por D. L.^a

Condessa ~~P~~ como ja tem essa certeza, achou que era hoje o ^o caso opportuno
p.^a me fazer a sua declaração, não é assim?

Marg.^a Peço desculpa a D. L.^a; não tenho certeza, e apesar disso atrevi-me a...
Cond.^a O que mecia ~~era~~ era que eu lhe dissesse que o não amo... mas não tenho
animo...

Marg.^a (Caíndo de joelhos.) Querida Carlota!

Cond.^a (Comovida.) Era assim mesmo que estava naquela noite, quando tornei a mim.
Não sei que estranho sentimento experimentei então, esqueci-me do perigo por
que acabava de passar, e só cuidei na felicidade de o ter junto a mim... Era a
quem eu devia a vida... e apesar da noite, me occultar as suas feições, o meu
coração representava-me o da mesma forma como aqui está... de joelhos,
chegado a mim, segurando-me na mão... Mas é admiravel, ser eu quem
lhe esteja recordando todas estas circumstancias! Parece que de nada se
lembra!..

Marg.^a (Rigemente enleado.) Oh, se me lembro, senhora condessa!.. Esses delicia-
dos momentos nunca mais se riscaram da minha memoria... Se soubes-
se a perturbação que me agitava quando estava a seus pés, próximo do rio...

Cond.^a De certo; porque a não ser isso ter-me-hia dito alguma coisa... Quando
lhe expressei o meu reconhecimento, quando lhe testemunhei a m.^a gratidão,
nada me respondeu...

Marg.^a (Cada vez mais confuso.) M.^a querida condessa, o estado em que me a-
chava por a ter sabido da morte não me deixava proferir uma palavra.

Cond.^a (Depois de um instante.) Mas tem tuoto presentu? Demada, se esqueci?

Marg.^a (Comesmo.) Demada me esqueci... tudo me lembra... (Levanta-se e a cond.^a
tambem. Neste instante abriu-se a porta do fundo e appareceu Mathews.)
(Aptu) Ah! vem alguém... é uma fortuna!

Scena 2.^a
Os m.^{mos} e D. Cerar.

Mathews (Dentro, annunciando.) O senhor D. Cerar Proença!

D. Cerar. Estas cumpridas as suas ordens, senhora condessa. O seu procurador não

tarda ahí, e trar todos os papeis. Pareceu-me que o seu ajudante de ordens desempenha as commissões de que o encarrega com pontualidade.

X Cond.^a Agradeço-lhe m^{to}, senhor D. Cerar, a bondade com que satisfaz os meus desejos.

D. Cerar São coizas, que não vale a pena fallar-se nellas. Sempre que V. Ex.^a quizer estou ás suas ordens.

Cond.^a Estou certa d'isso, e agradeço novamente. Agora, meus senhores, peço-lhes licença p.^a os deixar p.^o um instante. Tenho que determinar algumas coizas. (O morg.^o acompanha a cond.^a até á porta do apartamento inferior beija-lhe a mão, e volta apressado á scena.)

Scena 3.^a O morgado e D. Cerar.

Morg.^o Ainda bem que vieste... Já não sabia o que havia de dizer.

D. Cerar O que passaste com a amavel condessa?

Morg.^o Mentiu com tal descaramento, que até eu me admiro. O bra condessa! Tenho pena do que fiz depois de ver a sua credulidade... Se a amasse menos, seria indêsculpavel.

D. Cerar Tens razão; mas tudo é permitido quando se ama com excessão.

Morg.^o O caso é que eu não sabia o que havia de responder ás perguntas que ella me fazia, e se tu não chegas...

D. Cerar Tivias uma triste figura, não é assim?

Morg.^o Se te parece!... Estava num verdadeiro supplicio... Dize-me cá... foste á casa do procurador? Viste a pequena?

D. Cerar Ainda não tinha recolhido.

Morg.^o E o seu nomeado?

D. Cerar Queres dizer o meu rival? Foi accusado de rapto pelo pai della, que estava furioso.

Morg.^o Ah! diabo! Podia resultar dahi algum escandalo. não receias?

D. Cerar Tu pensas que sou algum torpa? Sei fazer as coizas convenientemente. Acompanhei o pai a casa do regedor, a quem elle se foi queixar e requerer a prisão do rapaz, e quando vi o neg.^o assim encaminhado retirei-me.

Morg.^o Tu és um homem sublime!

D. Cerar Quando me metto nas coizas, sei dar conta dellas.

- 2^a ~~Atto~~ ~~Acto~~
- Morg.^a Parece-te, então, que poderemos estar socegadas a esse respeito?
- D. Ceará Pois não... socegadíssimas.
- Morg.^a Contudo, sempre receio que a condessa o venha a saber.
- D. Ceará Não te faças piegas.
- Morg.^a Verdade é que a aventura correu melhor do que esperávamos.
- D. Ceará Olha, o que tu deves fazer, é tractar de não se apressas o teu casamento. Sou de parecer, que, se necessario for de clares o teu engano á condessa.
- Morg.^a Isso nunca!
- D. Ceará Mas suppõe tu que o peroladinho salvador apparece por ahí, um dia...
- Morg.^a Não te lembres disso, pelo amor de Deus!
- D. Ceará O caro tambem não era p.^a desesperar... dava-se-lhe cabo da pelle.
- Um criado. (Ao fundo.) Pode entrar.
- D. Ceará Ah! nem gente. Será bom retirar-mo-nos.
- Morg.^a Dizes bem. Retiremo-nos. (Saem pela C.)

Scena 4.^a

Maria ~~Mathus~~, Thomas e depois a Condessa.

- Maria (A Thomas, que o segue.) Tenha a bondade de esperar aqui um instante, em quanto vou dar parte a S. Ex.^a (Atravessa a scena e dirige-se p.^a a D.)
- Cond.^a (Dentro.) Yuhia, prepara tudo que preciso p.^a me vestir. (Entra.) Adus, senhor Thomas Quintino, como tem passado?
- Thomas Tenho a honra de cumprimentar a ecc.^{ma} senhora Condessa.
- Cond.^a Está bom; estimo muito que não faltasse.
- Thomas Foi por ser S. Ex.^a, por que a outra pessoa de certo lhe faltava hoje. Tenho a cabeça perdida...
- Condessa O senhor Thomas tem tanta coisa a tractar, que não admira que tenha dias de grande confusão. Assim é que se faz fortuna.
- Thomas (Comigo, absorvido em suas reflexões.) Enganar-se por, que tanto lhe queria!
- Cond.^a (Ao criado.) Maria, vá prevenir o meu mordomo, que já tem as minhas instruções, de que está cá o senhor Thomas Quintino, e que podem conferenciar. (Mathus sai.) Acho mais acertado, que as duas combinem como se deve fazer a reivindicação dos bens.
- Thomas (Removendo a cond.^a) Aproprietar-se do meu somno!
- Cond.^a (Observando-o.) Que estátará elle a dizer? Nem se quer me ouvir!

Thomas Fugir de minha cara, e deixar a porta aberta toda a noite...

Cond.^a Parece-me que endoideceu!

Thomas Deshonrar o meu nome a ti hoje sem nota, e expor-me a ser roubado, saqueado, assassinado!

Cond.^a De quem está elle fallando?

Thomas Filha indigna!

Cond.^a É de Carolina! (Rigando em Thomas pelo braco.) Senhor Thomas Quintino.

Thomas Ah! Peço desculpa, senhora condessa... eu...

Cond.^a Porque está a fallar de deshonra e de roubo? E porque não trouxer consigo Carolina? Eu tinha-lhe dito que eu esperava cá hoje.

Thomas Peço a V. Ex.^a, que pelo amor de Deus não me falle nullo... e renovar-me a minha ~~miséria~~ afflicção...

Carol.^a Que não! ~~dir~~

Thomas O melhor que tem a fazer essa desgraçada é chorar a sua infamia, sem que eu a veja.

Cond.^a Mas que lhe fez ella, sancto Deus?

Thomas Não me pergunte, senhora condessa... a não ~~querer~~ querer obrigar-me a declarar-lhe, que me fugiu de casa a noite passada, era quasi uma hora, e só voltou hoje pela volta das 8 horas da manhã.

Cond.^a (Ap.te) Já viu... Hade ser por causa do namoro... Sobre Carolina!

Thomas (A si mesmo.) Mas o negocio não fica assim...

Cond.^a Contados! Os dois amam-se tanto...

Thomas (Idem.) Hade ir para diante...

Cond.^a E como não contavam com o seu consentimento...

Thomas O malvado hade ir pela barra fora...

Cond.^a (Ap.te) É absolutamente necessario que falle a Carolina... Não ha nada a esperar de seu pai da maneira que elle está. (Toca a camp.^a depois senta-se á mesa e escreve á pressa algumas linhas.)

Thomas Eu tenho amigas... até o mesmo senhor D. Cerar se me offerceu p.^a me servir de empenho.

Cond.^a (Levantando-se e dando o bilhete ao criado, que entra.) Levem já esta carta ao seu destino.

Martina Peço desculpa a V. Ex.^a, senhora condessa, mas estão ali fora dois sujeitos, e um d'elles deseja fallar a V. Ex.^a sem perda de tempo.

Cond.^a Não disse o seu nome?

Martina Não disse, senhora condessa, mas diz que tem coizas de grande

21
J. J. J.
importancia a communicar a S. Ca.^a
Cond.^a Está bom! Que entre. Senhor Thomaz Quintino, o que deve fazer é tran-
quillizar-se, socegar o seu espirito p.^a esperar o resultado desse aconte-
cimento, que espero em Deus, será m.^{to} a sua satisfação. No entanto, pre-
co-lhe que vá ter com o meu mordomo, que o está esperando.

Thomaz Deixar-me a porta aberta toda a noite!... excipor-me a ser assassina-
do! (Sahi pela S. - Mathews temido ao fundo, e foi avançar J.^o Bapt.^a
que appareceu seguido do escr.^{am} do regedor, com quem vem que estacionando.)

Scena 5.^a

A condessa, na proscenia - No fundo, J.^o Bapt.^a
O escrivão e Mathews Maria.

J.^o Bapt.^a Já-lhe disse que não feijo.

Escr.^{am} Esperar de mim dizer isso, não o devo perder de vista.

Cond.^a (C. Assentando-se.) Que pulha é esta, Mathews Maria?

J.^o Bapt.^a Sancto Deus!... É ella!

Mathews É um homem que nem preso, e a quem o official de justiça que o a-
companha não quer largar.

Cond.^a (C. Ahando p.^a J.^o Bapt.^a) Nem preso! O seu ar não é de malfeitor...
Pois entrem ambos.

Mathews Quem o que diz s. ca.^a? Podem entrar ambos.

J.^o Bapt.^a Isso não me faz conta. O que tenho a dizer não ~~podem ser~~ em
proximidade de testemunhas.

Cond.^a Visto isso é preciso que declare quem é... que diga o seu nome.

Mathews Quem é o senhor? Como se chama?

J.^o Bapt.^a Se a senhora condessa desejava dizel-o, mas se é absolutamente preciso,
diga-lhe... que sou o homem do rio.

Cond.^a (A si m.^{ma}) O homem do rio!

Mathews Isso não é um nome.

Cond.^a Que significará este mysterio, e quem será este homem? Preciso por
força sabel-o (Subindo a scena.) Senhor, deize entrar esse rapaz. Dou-
lhe a m.^a palavra de que elle não foge, e p.^a isso pode com toda a confian-
ca esperar que elle conclua o que tem a communicar-me.

J.^o Bapt.^a Meu amigo, bem cívico o que disse a senhora condessa. Descance,
que o que tenho a dizer a S. Ca.^a não gasta m.^{to} tempo.

Cond.^a *Maria*
Maria, acompanhe o senhor até à outra sala... diga que me lesem
a m.^a carta o mais depressa que puder ser... (Alfando p.^a 7.^o Bapt.^a)
e conserve-se próximo daqui, de forma que pica a campainha quando
eu tocar. (*Maria* retira-se com o escr.^o e a porta fecha-se.)

Scena 6.^a
A Condessa e 7.^o Baptista.

7.^o Bapt.^a (Comigo.) É justamente ella! A sua pres.^a acanha-me... é uma senho-
rada grande tem... Como ella me examina!

Cond.^a (Aproximando-se.) Agora que estamos sós, pode fallar sem receio.

7.^o Bapt.^a (Apte.) Fallar... fallar... ah! é que está a difficuldade... como diabo hei de
eu começar?

Cond.^a (Assentando-se.) Bem, meu amigo, explique-se, que eu o escuto.

7.^o Bapt.^a (Apte.) Seu dom.^o! Pareceu-me que o meu physico não lhe desagradou.

Cond.^a Então?

7.^o Bapt.^a Desculpe-me, sen.^a condessa... não estou costumado a fallar com
certas pessoas, e além disso o que tenho a dizer-lhe...

Cond.^a Fale sem receio.

7.^o Bapt.^a Fale, sem receio, sem senhora. (Apte.) Com a breca! Que linda mulher!
Que desgraça a minha a de não estar sem ao facto da grammatica! Era
um instante em quanto me applicaria!... Oh! que ideia! (Tira uma caixi-
nha d'algieira.) Isto diz mais que todas as palavras que eu estudasse
(Aproxima-se da condessa e apresenta-lhe a caixinha.)

Cond.^a Que vem a ser isto?

7.^o Bapt.^a Aqui tem, abra e veja.

Cond.^a (Rezando na caixinha depois de a abrir.) O m.^o de seis
pedaços de cabelo!

7.^o Bapt.^a Sim, senhora, de cabelo. ~~caixinha~~

Cond.^a (Racominando-o com attenção.) Sancto Deus! Havia de jurar que era...
não ha duvida... é exactamente o mesmo!...

7.^o Bapt.^a Então não expliquei eu assim, melhor o negocio? Logo me intendeu.

Cond.^a (Vivamente.) Como se acha isto em seu poder, senhor?

7.^o Bapt.^a (Procurando termos.) Da maneira que eu lhe vou contar, senhora
condessa. Foi agora pelo Sr. João um curro, que meu patrão me man-
dou tractar de um negocio a fregueria de Villar da Serra, onde
o Sr. ^a tem um palacio, e uma grande quinta. Como o negocio se não po-

desse concluir logo tive que me demorar ali alguns dias. Um dia fui
passar a quinta de V. Ex.^a, que está sempre franca p.^a quem lá quer
ir. Gostei m.^{to} de ver as maravilhas que ali existem, e sobretudo de
passar pela margem do rio, que sendo de m.^{to} longe, segundo me disseram,
corta a quinta em toda a sua largura. Era justamente uma noite de
reunião, porque vi bastantes luzes no palacio. Andava, pois, passeando
e gozando da bella oragem que corria proximo do rio, quando de repente
ouço gritos e ais, como de quem pedia socorro, e no m.^{mo} instante o baque
de um corpo que cahiu n'agua. Aproximei-me e percebi logo que alguém
tinha cahido ao rio. Não estive com meias medidas; precipitei-me, nado
e consigo salvar a pessoa, trazendo-a desmaiada p.^a terra. Passados
instantes recuperou os sentidos, e as primeiras palavras que proferiu
foram estas: "Onde estou eu?" - Ah! É ao senhor a quem devo a vida.
Pois seja quem quer que for juro consagrar-lhe esta vida que me salvou,
e em execução do juramento que lhe faço acceto este penhor." Que é
exactamente este que apresento á senhora condessa. - Ora eu, ape-
nar de não poder fallar, porque estava aturdido e confuso com a-
quelle acontecimento, não fui tão palerma que não lhe pegasse na mão, e
de joelhos lh'a não beijasse... "Ella é a recompensa, me disse V. Ex.^a,
de quem me livrou da morte." Ao ouvir isto, não fui senhor de
mim, não me pude conter que não lhe desse um beijo na testa...

Cond.^a

(Admirada.) Quejo que de nada se esqueceu!

J.^o Bapt.^a

Não, senhora condessa; de nada me esqueci.

Cond.^a

(Ap.^{te}) A voz deste homem tem uma tal inflexão de verdade... é tão
exacto nas suas lembranças!... não me é possível duvidar; e com-
tudo o morgado também aind'agora ajoelhou como elle a meus pés,
tambem me disse, que tinha sido ~~o~~ quem me salvava da morte,
o que não fez foi fallar com a convicção e certeza deste... se-
ria tudo um engano da parte do morgado? Se tal é, é a maior
das indignidades.

J.^o Bapt.^a

(Ap.^{te}) A fidalga está reflectindo... Apósto que está dizendo
lá comigo! Santo Deus! Que felicidade a minha!

Cond.^a

(Assi mesma.) É o meu juramento! Se fosse a este homem que
eu promettei a m.^a mão...

J.^o Bapt.^a

(Vendo que a cond.^a o contempla.) Temas outra vez o sacame da m.^a pessoa.

Cond.^a

Era p.^a morrer de vergonha. (J.^o Bapt.^a concerta o fato.) Preciso

a todo o custo acabar com esta horrivel incerteza (Aproximando-se) Senhor...

1.º Bap. (Ap.te) Acabou-se o exame.

Cond.ª Lembra-se do que lhe prometteu?

1.º Bap. Se me lembro! Está aqui gravado. (Põe a mão no coração.)

Cond.ª Estou prompta a cumprir-o.

1.º Bap. (Ap.te) Oh! que pichincha! Estou feito conde!

Cond.ª Mas primeiro preciso saber o nome daquelle a quem...

1.º Bap. É mto justo... o meu nome é 1.º Baptista de Aguiar.

Cond.ª (Como ferida por este nome.) João Baptista!

1.º Bap. De Aguiar, ajudante do seu procurador Thomaz Lusitimo.

Cond.ª Ah! é o senhor 1.º Baptista... mas é horroroso!

1.º Bap. Que dia? Achá-me horroroso!

Cond.ª E atreve-se a vir a m.ª cara reclamar o cumprimento da m.ª promessa! Que infâmia!

1.º Bap. Mais uma injuria de grosso calibre! Parece-me que não vou mto bem no negocio.

Cond.ª Depois do que aconteceu esta noite...

1.º Bap. (Ap.te) Sabera tambem ella a historia da galopada?!?

Cond.ª Já se não lembra do que fez, nem da desgraçada que seduziu, que furtou? Pobre Carolina!

1.º Bap. (Estorrendo.) Temas outra vez a charada! Pois saiba, m.ª senhora, que foi a mim que furtaram, sim, senhora, foi a mim. Seguraram em mim a força e puseram-me em cima de um quadrupede que, segundo desconfio, estava combinado com os meus inimigos. E ainda em cima me accusaram do rapto da menina Carolina!... Isto é demais! Que alguém a furtou, não ha duvida, mas não fui eu... Ella, m.ª ignora como tudo isso se passou, e quem foi o seu ductor... só o que pode dizer é que lhe vendaram os olhos, e assim estive toda a noite, unicamente para lhe subtrairem...

Cond.ª Senhor...

1.º Bap. Não se assuste, senhora condessa... Apenas affirma a tal menina, se limitaram a cortar-lhe uma ^{meada} ~~meada~~ ^{meada} ~~meada~~ do cabello, que tambem se ~~cattando~~.

Cond.ª (Revivamente.) Uma ^{meada} ~~meada~~ ^{meada} ~~meada~~ do cabello! E foi esta noite que, isso aconteceu?

1.º Bap. Foi esta noite.

Condessa O senhor também foi raptado?

João Baptista Completamente.

Condessa Então desconfia de ninguém?

João Baptista Oh, se desconfio! Desconfio fortemente de um cabelleiro.

Condessa O caro é p.^a enlouquecer. Descubro em tudo isso uma intriga horrível... mas quem... quem me dará a chave de todo este enigma?

Mathias Senhora condessa, acaba de chegar a pessoa que V. Ex.^a esperava.

Condessa Carolina!

Mathias ~~Está~~ ^{Está} no seu gabinete.

Condessa Talvez ella me esclareça... sim... ella é' que me hade informar. (A João Baptista) Sou João Baptista, com quem ~~me~~ que não sabia desta sala em quanto não me informar de todo o seu negocio, no qual de certo tem sido a victima de uma intriga infame, em que eu mesma estou comprometida. Mas socegue, que haremos de descobrir a verdade, e prometto-lhe que nos haremos de rir.

João Baptista Isso é' o que eu desejo. Instituto Politécnico de Lisboa

Condessa ~~Mathias~~ ^{Mathias} não estou em cara p.^a ninguém. Este senhor fica nesta sala, e quero que seja tractado com o maior respeito e attenção.

Mathias fico sciante, senhora condessa (A condessa entra no seu gabinete.)

João Baptista (Atravessando a scena com grandes passadas, e com importancia.) Bravo! Assim é' que é'... Tractado com o maior respeito e attenção... Laciao vai-te embora. (Mathias affasta-se.) Com a fortuna! Querias que todas me vissem agora!... (Estende-se em um sofá.) Como não ficara o sr. Thomaz, sua filha e toda a gente em sabendo... sim... porque agora é' escurado dissimular... estou com de e estou rico... Vamos, é' preciso mostrar-me como quem sou. (Mathias sobe a scena mostrando p.^a João Baptista espantado. Encontra-se ao fundo com o morgado que entra nesta occasião.)

Scena 7.^a

Os precedentes e o morgado.

Morgado Annuncie-me a senhora condessa.

Mathias A senhora condessa não está em casa.

Morgado Disseram-me que ainda ha pouco estava nesta sala.

Mathias Asseguro ao sr. morgado que a senhora condessa deu ordem positiva p.^a não receber ninguém.

Morg.^o Ah! então diga isso, mas não temo em dizer que a senhora não está em casa. Está bom; esperarei que ella me queira fallar. (Math. sahe, e o Morg.^o vai sentar-se do lado opposto ao que está J.^o Bapta)

J.^o Bapta Quem será este figurão?

Morg.^o (Comsigo.) Deu ordem positiva p.^a não fallar a ninguém! Isso, não se intende comtigo.

J.^o Bapta E' bem duvida algum barão, ou visconde, virita cá da nossa familia... Pois, não me incommodo por causa d'elle.

Morg.^o Agora reparo, não estou só! (Vendo J.^o Bapta) Quem é este sujeito?

J.^o Bapta (Apt.) O tal visconde, se é que o é, não tira os olhos de mim; o melhor é fingir que o não vejo... tu... tu... tu. (Cantando, laudando.)

Morg.^o Parece-me que já vi este rapaz, n'outro sitio. (Olha p.^a elle com mais attenção.) Como elle está repimpado! (Levantando-se e indo a J.^o Bapta) Diga-me cá, o meu amigo.

J.^o Bapta (Apt.) Meu amigo!

Morg.^o Quem é o senhor, e que faz aqui?

J.^o Bapta (Apt.) Acho engraçada a pergunta! (Alto e sem se incomodar.) Estou esperando por minha mulher...

Morg.^o Sua mulher! Era melhor que a esperasse n'outra parte, e não nesta sala.

J.^o Bapta Mas se eu estou aqui bem.

Morg.^o (Contemplando-o com desdém.) Engana-se, na saletta estava melhor. (Presta a sentar-se.)

J.^o Bapta (Comsigo m.^{mo} admirado.) Na saletta estava melhor!... a saletta é p.^a os criados... Hum! Deixa estar, que assim que for conde a primeira coisa que faço é pôr pela porta fora este impertor. Entretanto, em quanto isso não acontece, estou com vontade de cassoar com elle. (Levantando-se) Vou desfructal-o. (Indo ao Morgado.) Diga-me cá, o amigo.

Morg.^o (Surpreso.) Hein?!?

J.^o Bapta Quem é você, e que vem cá fazer?

Morg.^o (Levantando-se.) Sabe o que lhe digo? Acho bem estúpida essa pergunta.

J.^o Bapta A pergunta é nem mais nem menos equal á que me fez.

Morg.^o Basta. Olá! Venha algum. (Mathews entra.)

Math. Quer alguma coisa, senhor morgado?

Morg.^o Quero que ponham daqui p.^a fora este homem, que já me está incomodando.

Math. Não de culpar, por morgado, mas a senhora Condessa ordenou-me que este senhor fosse tractado com o maior respeito e attenção.

Morg.^o Como se intende, isso?

Math. E'por tanto sem ordem della não me atrevo. (Sahe.)

26

J.º Baptista (Vendo de novo sentar-se.) Bravo! (Apt.) Ficaste codilhado, meu sapão.
Morg. (Aconsigo.) Que homem será este que deve ser tractado com o maior respeito?! Não posso atinar com isto!
D. Cerar. (A porta fallando p.ª dentro.) Não importa, cá vou esperal-a p.ª a sala. Então, morgado? Não me demorei mto, hein? Se eu ando sempre a galope,
J.º Baptista (Levantando-se.) A galope! Oh! com os diabos! É a mesma var de pântem d'noite!

Acto 8.º
Os mesmos e D. Cerar.

D. Cerar Então, morgado, que há de novo? O teu negocio vai bem? Se fosse commigo já estava decidido. Não, que eu tracto tudo a galope.
J.º Baptista (Que tem ouvido com attenção, a estas ultimas palavras lança-se a elle.) Ora, até que conseguí apanhá-lo.
D. Cerar Que é isto? Que me quer você? Largue-me.
J.º Baptista Pois não, já te largei, meu tractante.
Morg. (Intervindo.) Decididamente este homem está drido.
J.º Baptista Está enganado; tento mais fiuro que vocês dois ambos.
D. Cerar Deus, me perdão; este é o namorado da pequena!
J.º Baptista Adivinhou, sou o mesmo. Fico-lhe mto obrigado pela galopada, que me fez dar toda a sancta noite.
Morg. (Rivando-te) Pois o namorado da pequena é este homem?!
J.º Baptista Não tenha duvida, que sou eu. Ora, como você foi o proprio que se denunciou, é o que eu acho engracado! É que traste que você é! O motivo porque ^{me} dei dar aquella infernal corrida foi p.ª mais a seu salvo furtar a menina Carolina.
D. Cerar Calla a bocca, desgraçado!
J.º Baptista Que me calla, espere por isso... Apisto que você não é outro senão o tal cabelleiroiro...
Morg. (A J.º Baptista) Homem, calla-se p.ª quem é! (A D. Cerar.) Cotamos perdidos se este homem se não calla.
J.º Baptista Mas isto não hade ficar assim; eu lhes prometto...
Morg. Calla-te, miseravel!
D. Cerar Se te não callas, pagar com a vida!
J.º Baptista Que dir? Pensa que lhe tenho medo? Ha cá em casa alguém que me hade de ferir!

der. Você está enganado commigo... Sim, senhor; ha aqui quem seja capaz de ensinar a vocês e a todos. Querem saber quem é? É minha mulher, a senhora Condessa... Então que pensam? A senhora Condessa, que eu saberei o anno passado de morrer afogada, quando deu um mergulho lá no rio que tem na quinta.

D. Cerar e Morg. Jesus!

1.º Baptista A senhora Condessa, a quem me dei a conhecer esta manhã, e que vai carar commigo... ah! ah! ah! não ser conde!

Morg. (Appt.) Tudo está descoberto!

D. Cerar (Vdm.) Tão um raio que nos cahiu!

2.º Baptista Que dizem a isto, meus amigos?

Morg. Pois este desconhecido...

3.º Baptista Este desconhecido já está conhecido, e é um seu criado.

D. Cerar Pobre morgado!

Morg. Mas ~~que d'ellas~~ as provas disso que dizes? Onde tens as provas?

4.º Baptista As provas? Já as dei a senhora Condessa, e até que a convenceram completamente.

Morg. (Deitando-se cahir no chão cad.) Isto é p.^a me matar de desespero e peregrina.

D. Cerar (Appt.) Os nossos negocios estão terrivelmente baralhados!

2.º Baptista (A D. Cerar.) Mas, vamos a contas, senhor cabelheineiro. Que destino deu ~~as~~ ^a ~~o~~ ^o ~~caso~~ ^{caso} do cabelo que bifou a menina Carolina?

D. Cerar (Empurrando-o.) Vai-te p.^o o diabo! Venha commigo, morgado. Procuraremos fugir a' colera da Condessa.

Morg. (Levantando-se.) É a' sua vingança, talvez. Retiremo-nos.

Scena 9.^a

Os m.^{os}, a Condessa e depois Carolina.

1.ª Cond.^a Dixim-se estar, meus senhores. Não tem que receiar nem a colera nem a vingança da Condessa. Se por um instante me offendi descobrindo a astucia de quem se serviram p.^a me enganar, asseguro-vos que esse sentimento já me passou. Quanto a m.^a vingança não devem temer-a.

3.º Morg. Oh! m.^a senhora, dignar-se ha D. Ca.^a perdoar-me.

2.ª Cond.^a O que, senhor morgado? O senhor p.^o m.^o tem. A Condessa do Pillar da Serra tinha commettido uma imprudencia, pode ser que digam,

Morg.^o que foi uma falta, mas o senhor tomou ao seu cuidado punil-o.
Sou culpado, e' verdade; mas a m.^a desculpa esta' no meu amor, e e' aos seus pes...

Cond.^a Não e' a mim a quem deve pedir perdão, mas sim aquella que o senhor compromettu, e para cuja perdicao tambem ajudou. (*Anda á porta do seu gabinete, olha para Carolina, senha m.^a amiga. Carolina entra chorando.*) Olhe, senhor morgado, reveja-se na sua obra...

J.^o Bapta (*Aparte*) Carolina nesta cara!

Morg.^o Minha menina, por toda a parte heide proclamar a sua innocencia.

Cond.^a Ora mto bem; mas poder-lhe-ha o senhor restituir a amizade de seu pai, e o amor do homem que ella estima?

J.^o Bapta Vamos lá; procuraremos explicar o negocio. Era, ou não, verdade o que me dizia esta manhã?

Carol.^a O senhor bem o viu.

J.^o Bapta Cuius, sim, e e' quanto me basta. Sejamos grandes, magnanimos, sublimes. Sen.^a condessa, V. Ex.^a e' mto rica e mto bonita; mas a menina Carolina tambem e' mto bonita, e alem disso e' mto infeliz. Se não lhe far desarranjo, eu restituo-lhe a sua palavra, e desobrigo-a de seu juramento... palavra de honra, que e' esta, uma combinação, que muito me coprem.

Cond.^a (*Sorrindo-se.*) Deveras? Pois bem. Visto que me desliga da m.^a promessa, concordo nisso, e p.^a que conheca a boa vontade com que o faço, dou-lhe 5 contos de reis, que serão o dote de Carolina.

J.^o Bapta Cinco contos de reis! Oh! que pechincha! M.^a Carolina, amo-te, adoro-te, e peço-te que me perdoes. (*Apelha junto dellos, e beija-lhe as mãos.*)

Carol.^a (*Serriamente.*) Já esqueci tudo... sou feliz.

Scena 10.^a
Os m.^{os} e Thomaz.

Thomaz (*Entrando.*) Que pejo! J.^o Baptista aos pes de m.^a filha! Como poudo elle escapar-se? (*Vendo ao pé da condessa.*) E a senhora condessa soffre diante de si um semelhante malfecedor?...

Cond.^a (*Interrompendo-o.*) Devo-lhe a vida, e em reconhecimento dou a Carolina, que elle ama, 5 contos de reis. Não consentira ainda que elles carem, senhor Thomaz Quintino?

Thomas. O isto que a senhora Condessa, se interessa por isso, consente. Toca, meu rapaz. (Da-lhe a mão.) Eu bem ^{disse} sempre, que por fim de contas haviam de fazer-te justiça.

Marg. (A Cond.ª) Acaba de fazer venturosos dois entes que se estimam, m.ª senhora, e como hoje está no seu dia de indulgencia...

Cond.ª De justiça, senhor; e p.ª que eu me esqueça completamente da sua levandade, imponho-lhe como pena a espera de mais um anno. (A marg. inclina-se.)

D. Cerar. (Baixo ao marg.º) Hade ficar pudorida a 3 mezes, digo-l'ò eu.

Cond.ª (A Mathews.) Diga ao official de justiça, que está na fóra, que eu respondo pelo preso, e que além disso o senhor Thomas retira a sua queixa. (Mathews sahe.)

J.º Bapt.º Tudo está bem combinado. (Rechando o marg.º à parte.) Mas olhe que não me esqueça que ajudou a resubar m.ª mulher, e que a mim me fez andar por ares e ventos...

Marg.º Calla-te, que apanhaste 3 contos ~~em~~ de reis. e...

J.º Bapt.º E... o que?

Marg.º O que? Pergunta a esses senhores.

J.º Bapt.º (Ao Publico.)

A promessa dos taes contos
Foi comedia - e illuzoria
Por que em vindo o panno abriço
Ficou sendo mera historia

Promessas não me convêm
Gosto mais do deitativo
Dai-me a vossa protecção
Que é valor mais positivo.

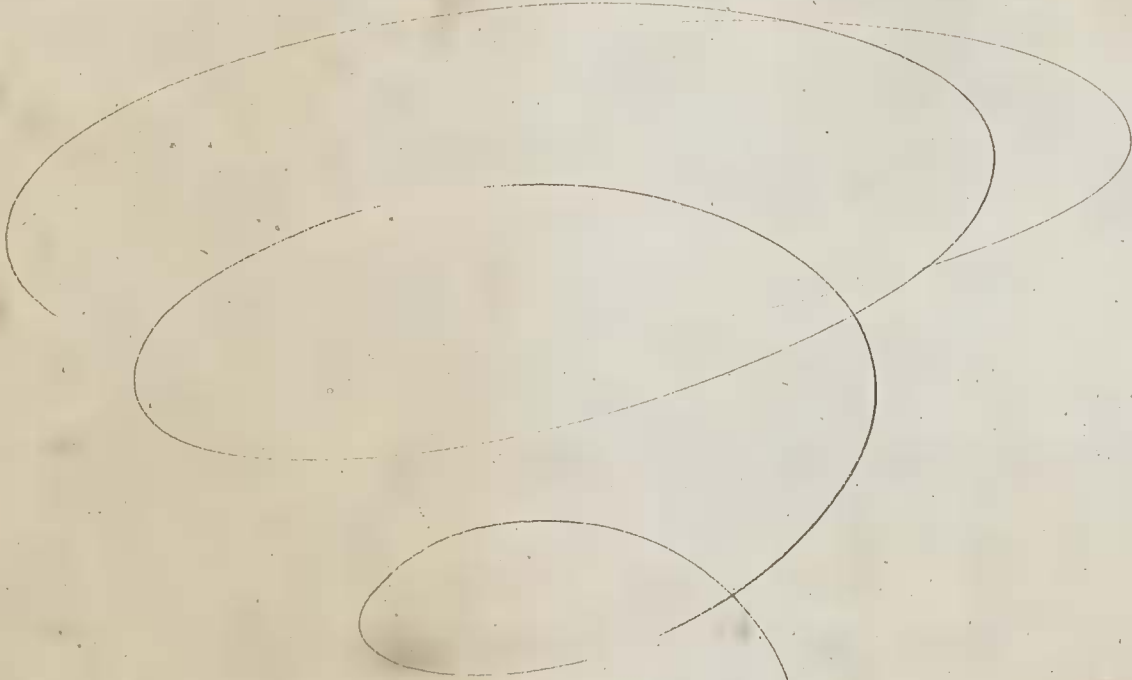
de
Sim.



Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema



Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

1.

457

D. 37

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Bole representações em
L. do de Março de 1859

L. es. Patrim.
L. do de Março de 1859.

Pertencem, todos os direitos que resultarem das
representações desta comedia = Os dois rep. =
à sociedade do Theatro do Gymnasio, pela
m. cedencia d' m. sociedade como imi-
tados da mesma comedia.

Libra 12 de Abril de 1859.
Joaquim M. de Moraes F. S.